

BRASIL-PORTUGAL

16 DE ABRIL DE 1899

A Estatua de Affonso de Albuquerque

(No atelier do escultor Motta)



«É esta a moeda com que El-Rei de Portugal paga os seus tributos.»

Chronica Electrica

Não é este o mez das flores, o mez privilegiado, em que n'um concerto dulcíssimo cantam as aves e os vegetaes? Todas as mulheres e todos os poetas, desde que os ha no mundo, lhe que-rem com um amor extremo e enchem o coração anciado com o effluvio d'estes dias azues. Parece que os labios da natureza proferem a palavra esperada de bondade e de paz. A terra tem um aspecto de doçura infinita, a alma adoravel das coisas espalha-se na atmosphera titilante, as rosas convulsas abrem as petalas pudicas aos beijos frementes do astro, e no mysterio eterno do amor, falam como supplicas os olhos de cada mulher, os labios estendem-se n'um beijo que se adivinha, as faces purpureiam-se na revelação de intimo desejo, e todo o ser feminino, convulsionado pelo amor materno da terra, canta como a ave, palpita como o coração, estua como a febre, irradia como o sol.

Os dias sagrados triumpham. O homem deixa de ser o rei para ser o irmão.

Nem a flor pensa menos do que elle, nem elle sente mais do que a ave. O seu organismo não é mais do que um atomo no grande corpo. O seu cerebro não é mais do que uma manifestação da materia unica. Míe fecunda, gera as rosas e os pensamentos. E o sol que faz brilhar a corrente limpida das aguas, faz brilhar a corrente limpida das idéas.

Na grande força o homem é um movimento como o verme e como o astro. Toda esta philosophia que regenera, todo este naturalismo que consola, e substitue tão completamente as velhas crenças, expande-se e evidencia-se por estes dias de abril.

Vivemos em tudo como tudo vive em nós. De vez em quando parece que se dilatam os pulmões do nosso organismo para receberem em cheio o ar que lhes falta, como se abrem os olhos da nossa intelligencia para absorverem toda a luz que se derrama.

São os unicos dias do anno em que se comprehendem os lyricos: sensitivas ternas que se abrem aos affagos das coisas.

Cada canto é uma vibração, cada nota d'amor uma nota do espaço solta da grande musica universal e reproduzida no coração do poeta. Cantam n'elle todas as aves, segredam todos os murmurios e rolam todos os astros. Esse coração illumina-o um sol — a Mulher — e toda a forma correcta e plastica do universo vive para elle consubstanciada n'essa Carne que o tenta, n'esses olhos que o convulsionam, n'esses cabellos que o prendem, n'essas pómas que o embriagam. D'ahi os cantos, os herosimos, as sublimidades. Cada heroe, cada martyr, é um lyrico. Os grandes feitos, as abnegações supremas, os triumphos magestosos, os livros immortaes, são puras manifestações de lyrismo arrebatado. Se não houvesse um louvor lido nos olhos d'uma mulher, se não houvesse um applauso dado por mãos femininas, não seria Godofredo de Bulhões a alma das cruzadas, nem Turenne a alma das batalhas, nem Dante a alma da poesia, nem Shakespeare a alma da tragedia. É que todas as glorias são incompletas sem o sorriso d'uma mulher, como se a Mulher resumisse todas as grandezas e asparas, como se o homem longe d'ella fosse isolado e só, e em vez de ter por ceu um ideal para onde voasse, apenas tivesse, ao fundo, o inferno das desolações onde fosse cair irremediavelmente.

Porisso a Igreja, que sempre ensinou, chamou a Maio que é apenas a continuação d'este, o mez de Maria, para que a terra, em toda a sua florescencia, cantasse no seu côro eterno a Virgindade da Mulher. E desabrocham as almas e as flores, e no prado verdes as papoilas espalham-se como globulos de sangue, e nos cerebros as idéas fermentam, e dos corações emergem os affectos, como se, por estes dias castos, a Vida attigisse o seu zenith e a materia eternamente fecunda produzisse de novo idéas novas e religiões mortas, sonhos de futuro e crenças extinctas, e se abandonasse á terra n'um beijo formidavel...

As "palavras de Agnello,"

QUEM folhear o novo livro de Anthero de Figueiredo dirá que essas socegadas e luminosas paginas foram escriptas por um santo,— por uma creatura purificada no isolamento, sósnha de ambições, despegada das coisas da terra e afeitada ás coisas do céu. Mas não é positivamente assim: Anthero de Figueiredo é um homem como nós outros, mediocremente apegado, como todos nós, ás vaidades e ás misérias terrestres, um homem que vive, n'uma palavra,— e que está pouco disposto ás consagrações do agiologio. De resto, a sua cabeça pede mais o chapéu alto dos nossos dias do que o disco d'oiro dos santos. Loiro, sensual como convem a todo o homem que tem um certo empenho em que o não canonisem, lento e mordido d'uma tal ou qual pontinha de neurasthenia, o excellente prosador do *Além* e do *Partindo da Terra* não é, decididamente, um santo.

Mas d'onde veio a essas *Palavras de Agnello* a suprema espiritualisação da linguagem, o ar religioso e grave dos aphorismos, o cheiro de certo modo beato e conventual d'esses periodos serenos e quasi evangelicos? Como foi que Anthero de Figueiredo, um amoroso, um galante, conseguiu impôr a si proprio a severidade pesada d'uma linguagem tão sobria e tão pura,— como foi que o sensual de certas paginas do *Além* se transformou n'esse mystico, n'esse evangelisador *Agnello*, cuja ingenua grandesa é tanto para admirar?

Naturalissima transfiguração, afinal de contas. O mysticismo é uma forma platónica da sensualidade. A's vezes, andam os dois de braço dentro da mesma creatura. Certa dominicana, que decerto não conhecem, furava os bicos dos seios e pendurava de cada um d'elles um relicario de grande peso. É a expressão sexual da penitencia. O mysticismo e a sensualidade confundem-se. Em litteratura, vejamos o pobre Verlaine: agora um soneto devoto, logo e na pagina a seguir, o lindo soneto das duas lesbicas. Anthero de Figueiredo, atravessando o periodo da acalmia mystica, deu-nos as *Palavras de Agnello*, depois de nos ter dado, aqui ha annos, as paginas do *Além*. Seguro da technica, fazendo excellentemente a prosa, com raras meticulosidades de execução,— creou essa linda alma de Agnello e veio, simplesmente, a dizer-nos o que elle dizia ás estrellas. Agnello, tal como o poeta o creou, é um isolado e um inadaptable,— unicamente porque é um bom, um purificado e um triste. Creatura de todos os tempos, de todos os meios e de todas as raças, absorvida, religiosamente, n'uma vida interior, alheia ao resto do mundo, desconhecida em meio da multidão,— porque na terra ninguem se conhece,— esse pobre pensador fala aos velhos, ás creanças, aos felizes, aos que amam e que soffrem, aos que sonham e que vivem,— diz palavras d'oiro aos que vão passando e que o não vêem,— mas entre essas palavras sagradas e tão cuidadosamente ditas, algumas coisas diz que não são grandes verdades. Raras são; o peito de Agnello é de geito a que n'elle se encostem a chorar os que são tristes, os que se cançarem das mentiras da terra. Não lhes pode dar senão piedosos ensinamentos e santas commiserações. É incapaz de mal querer e de mal ensinar. O que elle diz, pode não ser em absoluto uma verdade; mas é sempre santo o que elle diz. Figura perfeita e bellamente sonhada,— não sabe a gente se elle é um só, se somos todos nós: é algum que soffre ensinando a soffrer, que vive ensinando a viver os outros, que é grande n'um meio pequeno e miseravel, que faz das palavras luz, e d'essa luz guia piedoso dos trasviados e dos humildes.

Tal é Agnello. O que o livro vale, escusado é dizer-se depois do que já está dito. Na maior simplicidade, a maior riqueza; n'um pequeno numero de palavras um grande numero de affirmações. Locução purissima, terna, sem asperas, portugueza como poucas, sã como poucas. Na serenidade do dizer, a confiança do proprio valor. Livro tão simples, tão terra-a-terra, que se uma creatura viva e quizer lê-lo, acha-o vasio... Ao contrario, os que tem alma para entendel-o, que de riquezas não vêem no fundo d'essa adoravel simplicidade! E realmente, para entender as *Palavras d'Agnello*, basta um pouco de coração.

Galeria da Imprensa

O PAIZ, do Rio de Janeiro

QUINTINO DE BOCAUYVA

(DIRECTOR)

Não exageramos dizendo que Quintino Bocayuva é uma das individualidades mais importantes e proeminentes da republica brasileira. Na imprensa occupa um lugar distinctissimo ao lado dos primeiros jornalistas do novo e velho mundo.

Quintino Bocayuva nasceu a 4 de dezembro de 1836, contando portanto 63 annos. Aos 15 entrou para a Universidade de S. Paulo, onde durante algum tempo estudou litteratura, indo depois para o Rio de Janeiro, onde se lançou ao trabalho jornalístico com o maior enthusiasmo, escrevendo folhetins, criticas theatraes, chronicas litterarias, dramas, etc. Mais tarde abordou a politica, e em 1860 combatu pelas idéas



Quintino Bocayuva

do democratista Saldanha Marinho no *Diario do Rio de Janeiro*, do qual foi nomeado director em 1865.

Mais tarde escreveu no *Globo* e na *Republica*, e por ultimo no *Paiz*, do qual ainda hoje é um dos proprietarios e redactor chefe.

Em 15 de novembro de 1889 estava ao lado do marechal Deodoro, quando se proclamou a republica, para a qual elle havia preparado o espirito publico com a logica expressiva dos seus artigos. Foi então nomeado ministro do Exterior do Governo provisório, manifestando grande capacidade e energia, animo forte e vontade inquebrantavel, e sobretudo um grande orgulho civicio em manter á face de todo o mundo, os interesses e dignidade do seu pais em brilhante e altiva posição. Em 1890 foi eleito senador pelo Estado do Rio de Janeiro, cargo que ainda exerce.

Durante o periodo revolucionario que atribulou o governo presidencial de Floriano Peixoto, esteve sempre ao lado do Presidente prestando-lhe relevantes e importantissimos serviços. Como orador é de primeira ordem, sendo a sua palavra auctoritosa sempre ouvida com o maior respeito e acatamento. A sua auctoridade moral é enorme, e o seu caracter recto, imparcial, justo e tenaz.

Tudo quanto é deve-o ao seu talento pujantissimo e ao seu trabalho infatigavel. E mesmo um exemplo notavel do que estas faculdades podem fazer de um homem, nos paizes novos e vigorosos onde ainda existem crencas e principios.

E com o maior desvanecimento que o *Brasil-Portugal* honra as suas columnas dando o retrato do insigne estadista brasileiro.

JOAQUIM LEITÃO

(CORRESPONDENTE EM LISBOA)

Esmero de artista superior e masculino, jornalista por incidente, a sympathica figura de Joaquim Leitão impõe-se como um dever.

Correspondente do *O Paiz*, a que chama o seu *journal*, nos seus actos e nas suas palavras elle trahе *malgré lui*, o seu amor pela patria brasileira, profundo amor que trouxe da sua longa estada lá. E esse amor arrasta-o ainda nos dominios da arte, impondo-lhe a criação d'esse soberbo livro de critica, *Do civicio e da arte no Brasil*, cuja apparição todos esperam, e em que, pelo que já conhecemos d'essas paginas em que vibra a alma de um artista e por onde se espraia a analyse de um observador, mais uma vez se revela a invejavel solidez do seu pulso e a bella envergadura do seu estylo sonoro.

Sempre calmo, sempre sereno, Joaquim Leitão é um forte, um artista destinado a vencer sempre. E é extraordinario o dominio que elle sabe e que elle pode exercer sobre si mesmo; é uma força de reacção enorme, coherente, dotado de acerbias voluptuosidades espirituas, em que resvalam as escapadas do seu genio creador e pessoal. Apaixonado pela *forma*, o mundo plastico é para elle um passo na escala do *bello*, um primeiro lance na helice do seu ideal de artista *raffiné*. A sua obra, esses viris romances que com tanta fé esperamos, revelam-nos-ha um mundo novo



Joaquim Leitão



Um dia o sr. duque de Palmella, visitando, em Valle de Lobos, Alexandre Herculano, reparou que o austero historiador tinha para se alumiarem um candieiro antigo de latão, dos de tres bicos, balde, espevitador, bandeira e apagador, um arsenal de apetrechos para uma pobre luz modesta e pacata com que nossos avós se aliavam.

— Hade permittir que lhe offereça um candieiro do nosso tempo, disse o illustre titular a Herculano.

— Aceitto, mas com a condição de ser tambem para azeite.

— Pois será para azeite, confirmou o duque — e passados dias offereceu a Herculano um bello candieiro moderno, para azeite.

Quando voltou algum tempo depois a fazer nova visita ao *Solitario* de Valle de Lobos, viu que o antigo candieiro de latão continuava no mesmo posto sobre a banca de trabalho de Herculano, e perguntou.

— Então não gosta do candieiro que lhe offereci?

— Gosto muito, acudiu Herculano, dá boa luz e é bonito.

— Então porque não faz uso d'elle?

— Gasta muito azeite e por isso o colloquei na sala das visitas, que são poucas. Assim fica mais barato.

Nas mulheres o melhor adorno, é a castidade; é a unica belleza que resiste ás injurias do tempo.

A boa vontade do benefitor commove mais que o proprio beneficio.

TOIROS



Fernando de Oliveira

PUBLICANDO n'este numero varias illustrações nas quaes se encontram diversas scenas da criação dos bois bravos em Portugal, parece-nos interpretar assim a curiosidade de todos os nossos leitores, que certamente não nos perdoariam se deixássemos no olvido uma das feições mais características do nosso paiz, na qual a arte tauromachica é ainda uma das artes que mais enthusiamam todas as classes sociaes.

Animal valente, corpulento agil, de formas elegantes e correctas, o toiro desperta sempre curiosidade e interesse, quer visto isolado ou na manada, quer na pastagem da leziria, dessentando-se, sendo conduzido pelos campinos, na praça, ou ainda na rua, como se pode observar n'essas excentricas corridas, se tal nome se lhes pôde dar, que se realisam na ilha Terceira, e duas d'estas gravuras reproduzem fielmente.

Raras são as pessoas que não tenham visto uma leziria ali para Villa Franca e Azambuja, sendo um espectáculo emocionante e altamente curioso a existencia em liberdade d'estes fortes e destemidos animaes.

Pena é que os nossos creadores não tenham, a exemplo de Saltillo, Véraguas e Miura em Hespanha, cuidado com esmero da selecção e aperfeiçoamento das raças.

Queixam-se os amadores tauromachicos da má qualidade dos toiros, o que é devido talvez á frequencia das corridas e ao demasiado numero de cornupetos que se toureiam em cada uma.

No emtanto creadores existem como Emilio Infante, Laranjo, Maximo Falcão, Visconde da Varzea e outros, que por vezes apresentam magníficos toiros completamente puros.

A melhor *ganaderia* que existe em Portugal é a pertencente á casa dos duques de Cadaval, que os vende para Hespanha embora os não forneça para as praças portuguezas.

D. Caetano de Bragança, representante do ducado de Lafões, tambem ás vezes fornece curros que em regra são dos melhores. Na sua criação e existencia na leziria o espectáculo da



Corridas de toiros á corda (ilha Terceira)

de vista de diversão, apresentaremos varias illustrações de corridas tauromachicas.

A titulo de curiosidade incluímos as duas já citadas gravuras de toiros na rua, na ilha Terceira, que são realmente pittorescas e dão a ideia dos variados episodios que hão de occorrer durante tão arriscado e perigoso divertimento.

A tauromachia constitue o divertimento nacional mais concorrido, embora muitos o condemnem como barbaro e anti-civilizador. Sem emittirmos opinião a este respeito, diremos comtudo que está muito longe de apresentar as scenas cruéis que em Hespanha apresenta a morte dos cavallos. As nossas corridas são realçadas pelo trabalho de cavalleiro que é elegante, difficil, artistico e de subido merito. Essa parte verdadeiramente bella da arte tauromachica em Portugal, ascendeu ao zenith da sua gloria no tempo do marquez de Marialva, que era um verdadeiro mestre na arte de montar e dirigir um cavallo, escrevendo o melhor tratado de equitação que se conhece e que é superior ao de Boucher. Foi n'uma corriça em Salvaterra que elle viu seu filho, o conde dos Arcos, morrer nas hastes do toiro, e, para o vingar, desceu á arena e com a espada matou d'um golpe a fera indomita. O marquez de Pombal assistia ao espectáculo, e tanto se impressionou com esse lance de tragédia, que durante o seu governo não houve mais corridas de touros em Portugal.



Condução de toiros



Vaccas bravas da casa de Cadaval (à beira do Tejo)

criação do gado bravo em Portugal é magestoso e impressiona sempre os que o veem pela primeira vez.

Concorre para isso a extensão da campina, o verde esmeraldino da pastagem, o bello ceu azul que lhe serve de cupula e o pittoresco horizonte que a termina.

Em todas as provincias portuguezas se faz a criação do gado bravo, mas é na margem sul do Tejo, nas enormes planicies ribatejanas, que ella tem o seu fôco mais intenso e sendo lá que existem as propriedades dos principaes creadores.

D'esta criação derivam as toiradas, o tradicional divertimento nacional por excellencia, e acerca das quaes falaremos n'outro numero, pois n'este nos limitamos a apresentar os touros na sua vida trivial. Quando tratados sob o ponto



Condução de toiros (calçada de Carriche)



Corrida de toiros á corda (ilha Terceira)



Toiros no campo

Demandar a terra

Demos de uma trabalhosa viagem de 89 dias de Lisboa, durante os quais não havíamos visto mais terra do que a ponta occidental da ilha da Madeira e a ilha da Trindade, da qual passámos a oeste, seguiu a 15 d'agosto de 1861 a fragata «D. Fernando» com magnífico tempo pelo canal de Moçambique acima com vento SW regular, mar de pequena vaga e todo o panno largo.

Não devíamos estar já longe da terra que iam demandando com grande vontade de a ver, depois de tantos perigos, de tanto balanço, de tanta carne salgada e de uma força promiscuidade com mais de 500 pessoas de todas as classes sociaes principalmente das mais baixas.

De repente a vigia dos vau de joanete de proa gritou: — Terra pela amura de B B! — a noticia correu logo de bocca em bocca e em poucos instantes dominava essa ideia toda aquella irrequieta população fluctuante. O commandante foi immediatamente prevenido pelo aspirante de quarto que o tenente mandou á camara, e appareceu em cima pouco depois subindo ao catavento:

Olhou attentamente para o horizonte onde nada se via ainda cá de baixo, e gritou para a gavia.

— O' gavia de proa! —

— Senhor? —

— Que forma apresenta a terra? e quantas quartas abrange?

— Vê-se um cordão seguido de terra desde o travez até quasi á amura; é muito baixa mas vê-se uma montanha achatada que domina todo o cordão.

— Está bem, — respondeu o commandante para a gavia, e virando-se para o offical de quarto disse-lhe com segurança: — E' a Mesa, e com o andamento que temos, em pouco tempo a avistaremos cá de baixo, devendo largar ferro em Moçambique ainda com muito dia.

Começou então o reboliço proprio de taes occasiões: Talgaram-se as amarras aos ferros, pozaram-se elles sobre bocas singellas, convergou-se um jack para o tope de proa, a bandeira nacional na carangueja e a flama; e os officias passageiros começaram a pôr em ordem os seus tarcos para o desembarque proximo, reinando em todo o navio uma alegria communicativa que nunca poderá esquecer-nos.

Em menos de uma hora via-se cá de baixo o velho magestoso e plano da montanha da Mesa e a linha seguida das arvoresinhas que iam surgindo das águas azues e profundas a uma e outra aos grupos pinhos. Reconheceu-se a ponta da Bajona com a sua fiada muito uniforme de esguias movinjes terminando na entrada da bahia do Moçambo. Viu-se em seguida o Pão muito para a esquerda da Mesa e pouco depois avistava-se um pouco para a direita do Pão a bandeira portugueza do elevado mastro da fortaleza de S. Sebastião.

O commandante verificou com o seu ocular a direcção em que taes conhecenças notáveis eram vistas, olhou cuidadosamente para a agulha da bússola, por não possuir o navio uma boa agulha de marcação em logar fixo e com cara presenteira, e desceu a escada da meia laranja a assubiar o *Lazarinho Iriguito* para ir ver o mappa e verificar a sua posição.

Os officias de passagem e da guarnição do navio em grupos risinhos conversavam e faziam mil projectos; a agrura das rixas e intrigas de bordo, as pequeninas animosidades cessaram por encanto, e ninguém pensava senão no prazer que teria de pôr o pé em chão firme.

Satisfeito com a sua inspecção do mappa voltou o commandante acima com cara presenteira, subiu ao degrau do catavento e disse para o offical de quarto:

— Mandé dizer ao mestre que apite a fina geral, e o cabo de quarto que avise os officias que tomem os seus postos —

O mestre Francisco que já estava junto ao cabrestante arrancou o silvo trinado do seu apito de prata e a guarnição toda já vestida de livo, calça azul e camisa branca, tomou rapidamente os seus lugares.

Já então se via distinctamente o perfil da fortaleza, o pau da bandeira com signaes içados, tendo-se distinguindo pouco antes os dois novellos de fumo branco de dois tiros de peça dados lá em terra quando reconheceram a fragata.

A ilha de S. Thiago ou de Sena com o seu contorno verde negro demorava um pouco a ré do travez, e a de S. Jorge ou de Goa ficava um bom bocado para vante menos vestida de mato e orlada de mais praia de areia. Por E B já se via a ilha dos Sete Paus e a ponta da Cabaceira pequena com o seu denso palmar, os seus penedos negros destacados, e lá muito ao Norte a ilha da Quitangonha projectada sobre a costa da Conrancia e a ponta da Jangá mesmo ao fim.

Estavam perto; já se via um pouco por fora da fortaleza a lanchinha do pratico com as suas duas velas bastardas e o jack na popa. A esquerda da fortaleza alvejava já, muito rente da agua a casaria alegre e branca de Moçambique, dominada por alguns paus de bandeira dos consulados, e por cima da casaria viam-se os masts dos navios surtos.

Iamos com proa de NW da agulha e com vento de 14 quartas porque ao pé da mesa e para a tarde a viração fizera-se mais SSE como succede com bom tempo declarado e especialmente no fim da monção do Sul.

— Obras de sobres e de joanetes, carregadeira da giba — gritou o commandante. O mestre apitou, subiram já para cima os permanentes das gavias, e o mestre e os guardias dispozeram a gente do convez aos diversos cabos.

— Está pronto, sr. commandante — dizia o mestre dois minutos depois.

— Arria, carregue, lá braços a barlavento; volta pelo redondo. Olhe lá a manobra da proa sr. tenente. Sobre o forçá —

Içou-se a bandeira e a flama, firmou-se o jack á proa com um tiro de peça, e as velas miúdas desapareceram rapidamente debaixo da gaxeta, safoando o João Bernardo a rascada do mastro da gata primeiro que os outros. O gageiro grande que era o cabo mulato Firmino Ferreira de Mattos, bem estimulava a sua gente com palavras

energicas e ás vezes bem pouco parlamentares; mas por mais que fizesse... nada de novo; a gavia da gata era sempre a primeira.

Obras de papafios — disse o commandante. O navio já emparelhando com a ilha de S. Jorge, e a lanchinha do pratico já apparecia pela parte de dentro d'ella vindo de bolina cerrada com o panno a girar muito e a remos.

— Arria escotas e amuras, carregue punhos, larga as bolinas; entra vivo esse escote a sotavento que está leve, carregue bem os apagas e brios, volta —

O navio perdera muito do seu andamento mas ainda avia as suas 5 milhas talvez.

Traqueote e velacho e sotavento, seco e gata a barlavento, ala braços de bolina. — O mestre apitou e a manobra executou-se rapidamente ao som dos apitos; e depois, virando-se para o homem do leme:

— Orça o que der; çaça a vela ré, folga a escota á bujarrona; grande e gavia a barlavento; ala... volta assim.

O navio veio para a orça, a gavia começou a girar, a rizadura batia na vela com bulha até que incidindo-lhe o vento por ante aante ficou ás costas e fez estacar de todo o navio; este fez algumas cortezias com a proa ao SW proximoamente e as faziam já dizendo-nos por E B, e deu algumas culpadas secas que as faziam espirrar a agua de encontro aos alorgos e á almeida.

Já se ouvia a gritaria dos pretos da lancho do pratico cantando monotonamente aos remos e ostentando os seus troncos nus e lusidios muito suados. Arriaram os dois bastardos e chegaram-se para o costado alteroso da fragata.

— O' sr. aspirante — gritou o commandante — diga ao immediato lá á proa que mande dar um cabo á lancho do pratico.

Atirou-se o cabo da amura de BB, a lancho atirou-se e o cabo até que ella viesse ao portalo, e o velho pratico Mussagy Valley capitão-tenente honorario subiu a bordo pelos cunhos do costado apresentando-se respeitoso e sympatico ao commandante já seu conhecido.

— Vamos para dentro? mestre pratico — disse o commandante.

— Vamos sr. commandante respondeu este tomando o seu logar no degrau do catavento ao lado do commandante.

Carrega a vela ré, çaça a bujarrona, ala o secco e gata o sotavento, cheio todo — E depois — ala o traquete e velacho o barlavento... volta a tudo. — Amura e çaça o traquete. — Vae aliviando o leme de vagar.

O navio foi arribando e quando estava em proa conveniente para montar a restinga da Ilha de Goa, gritou o velho Mussagy com auctoridade:

— Andar assim!

— Assim — repetiu o marinheiro do leme desandando rapidamente a roda para barlavento e tomando conta no rumo da agulha. — N W 4 1/2 N.

O vento era muito largo e mesmo sem mecher nos braços podia-se orçar uma quarta ou quarta e meia sem inconveniente. A montada a ilha via-se por EB o tinto verde claro do baixo da Cabaceira destacando do verde escuro das aguas do canal; fomo-nos aproximando da fortaleza, cujos recantos se distinguim já perfettamenteemente: a capella de Nossa Senhora do Baluarte, a outra bateria rasa do NW o mastro com os seus masteares de gavia e de joanete, as velhas e historicas peças de bronze, grupos de soldados apparecendo sobre as muralhas para verem entrar o grande navio etc. A bordo, n'esse momento somente de entrar a barra, reinava o mais absoluto silencio, só se ouvia cantar os prumadores.

Carregou-se o traquete, montámos a fortaleza para dentro, e já se distinguia bem a parte interior do porto, a longa ponte caes da alfandega, o arvoredo do campo de S. Gabriel, o palacio com o seu mirante do Norte, a torre da igreja de S Paulo com o seu mirante também, a Sé, as casas do director da alfandega Xavier Alves, a casa do Gama, as dos banianes de irregularissimo aspecto, etc., etc. No ancoradouro estavam: a galera «Virajante», a barca «Assumpção» e varios pangaios.

Chegados á posição conveniente, gritou o commandante:

— Obras de gavias, arria a bujarrona, çaça a vela ré; arria escotas de gavias, carregue... orça todo. — O navio veio rapidamente para o vento, o panno foi-se carregando, e o andamento cessou quasi repentinamente. Os homens dos prumos accusavam 17 braças.

— Conserva os prumos no fundo para ver quando o navio cahe a ré. Passaram alguns momentos, as linhas de prumos foram dizendo para vante, e os homens gritaram:

— O navio vae a ré. —

— Arria gavias, larga ancora. —

O contramestre á proa deu os tres golpes de apito, o ferro com o seu grande cepo de pau largou-se e cahiu na agua com grande fragor levantando uma enorme massa de espuma. A amarra correu á medida que o navio a portante por ella e quando tinham sahido 45 braças disse o commandante:

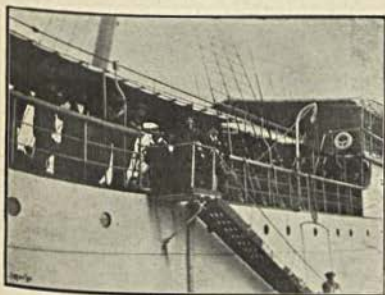
— Volta a amarra, mande abitar. — Forma a ferrar.

O offical de quarto mandou ferrar o panno emquanto o commandante descia á camara para receber as visitas do capitão do porto e da saude, bem como os cumprimentos de boas vindas mandados pelo governador geral. O mestre endireitou as vergas, deixou-se fóra a escada do portalo de BB, largaram-se os toldos, e puzeram-se na agua as embarcações necessarias para o serviço.

Já lá vão perdendo a vida os annos e ainda se não apagou da nossa memoria a extranha sensação de grande praser do primeiro passeio que demos n'essa tarde formosissima de Moçambique! Ai passado passado!



PERNAMBUCO



Na partida de Lorjô Tavares para o Brasil — A bordo do *Re Umberto*

Em todo o Estado abunda o gado vaccum, cavallar e suino, As suas principais industrias são as do algodão e da canna de assucar. O commercio é riquissimo e o movimento dos seus portos muito importante. A alfandega do Recife é de 1.º ordem e a segunda da Republica em rendimento.

A nossa gravura representa a formosa capital do Estado, toda cortada de canaes, tão encantadora e pittoresca que lhe chamam a Veneza da America.

Possue arsenal, escola normal, escolas primarias para ambos os sexos, uma Faculdade de direito, e seminario episcopal.

Os pernambucanos são valentes, destemidos, activos e muito trabalhadores, pelo que teem elevado a sua terra a um grau de brilhante prosperidade.

Na capital e em todo o Estado é numerosissima a colonia portugueza que deixa por toda a parte eloquentes padões da sua actividade, do seu patriotismo e do seu engrandecimento.

Pernambuco é um dos estados do Brasil mais procurados pelos emigrantes de todos os paizes, graças á salubridade do seu clima e á grande actividade commercial do seu magnifico porto, que, como já dissemos, é um dos melhores da grande e florescente nação brasileira.

ESTE importante e vastissimo Estado da Republica dos Estados Unidos do Brasil fica situado entre 7° e 10.° e 40° Lat. S; e entre 20° 40' e 33° 5' Long. O, sendo a sua extensão de 245 kilometros de costa desde a barra do rio Abiahy até á do Persinunga, 167 na maior largura do N. a S., da serra do Araripe á margem esquerda do rio S. Francisco, e 863 de O para E do cabo de Santo Agostinho até á serra dos Dois Irmãos. A sua superficie é de 230:300 kilom. quad. Confinando a E com o oceano Atlantico, constitue por isso um dos portos brasileiros mais frequentados pela navegação europeá.

O solo d'esta magnifica região é muito irregular sendo ao longo da costa, e em vasta extensão, plano, fertilissimo, e coberto de espessas e grandiosas mattas que avançando pelo interior constituem o sertão propriamente dito. Na parte montanhosa abundam os pastos onde se criam numerosos rebanhos de lanigeros. Todo este vasto territorio é cortado de rios, os mais importantes dos quaes são o S. Francisco que o separa da Bahia, Capibaribe, Una, Ipojuca, Serinhaem, e Goyanna, que desaguam no oceano.

O seu porto principal e mais frequentado é o do Recife. Do Estado de Pernambuco depende o archipelago de Fernando de Noronha para onde são mandados os degredados.

O clima é quente e humido nas proximidades do mar, secco e quente em excesso longe do littoral e no sertão.

e nas suas extensissimas florestas existem as mais bellas e preciosas madeiras.



Na partida de Lorjô Tavares para o Brasil — A bordo do *Re Umberto*

Instituições Portuguezas no Brasil

II

Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro

PORQUE não nos accussem de parcialidade, e tambem porque melhor possa ser estudada a evolução progressiva da colonia portugueza no Brasil, seguiremos, quanto possível, a ordem chronologica e por Estados, começando pela Capital Federal, centro de todos os Estados componentes da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Do Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro, trataremos, portanto, em primeiro logar.

Fundado em 12 de maio de 1837, é licito inferir, embora o não achemos consignado em documento algum, que o movel dos instituidores não foi sómente a vulgarisação das letras portuguezas, mas, principalmente, alimentar e desenvolver o sentimento patriótico pelo agrupamento de todos os portuguezes em uma associação representativa da importancia material e intellectual da colonia, conquistando para esta o predomínio que lhe fallia e que andava fraccionado e perdido nas mãos dos pouquissimos que até então haviam conseguido salientar-se pelo esforço do seu trabalho, elevando-se além da crevera commun.

É certo que a identidade de lingua e de costumes, além do entrelaçamento da familia e da conversão á nacionalidade brasileira da grande maioria dos portuguezes residentes no Brasil, ao tempo da independencia d'este, faziam crer a desnecessidade de uma associação puramente portugueza, por isso que o interesse de brasileiros e portuguezes era commun e ambos se davam as mãos amigavelmente, auxiliando-se com verdadeiro amor fraternal; mas não era menos certo que a corrente de emigração augmentava de dia para dia e que os recémchegados, guardando a sua nacionalidade, iam formando uma nova legião de cujas forças combinadas deveria resultar uma só, poderosa, força collectiva, reguladora da importancia crescente da colonia portugueza.

Quanto a nós foi este ultimo motivo o que mais influiu no animo do Dr. José Marcellino da Rocha Cabral, e de Francisco Alves Vianna, a quem, principalmente, se deve a fundação do Gabinete portuguez de leituras do Rio de Janeiro.

É creemos não praticar senão um acto de inteira justiça assignando-lhes esse intuito patriótico, quando, por documentos, é sabido que a maioria da colonia se achava entregue a si propria, e que o pequeno numero restante se agrupava, dividido, em torno de um ou outro vultos prominentes.

Accresce que entre esses grupos mesmo, a divergencia de pensar era profunda, originando um afastamento, prejudicial á collectividade, que se tornava indispensavel combater.

Não pertencendo a nenhum directamente, mas fazendo parte de todos aquellos grupos, ninguém melhor que o Dr. Rocha Cabral, espirito superiormente illustrado e eminentemente patriota, seria capaz de conseguir, ao menos de momento, congruar todos os elementos descontrahidos para lançar as bases da união da familia portugueza no Rio de Janeiro.

Ao esforço e á habilidade d'esse benemerito, a quem a colonia portugueza só muito tarde e ha poucos annos pagou o seu tributo de gratidão, se deveu, portanto, o comparecimento dos principaes representantes de todas as classes á reunião installadora do Gabinete Portuguez de Leitura, verificada na casa n.º 20 da Rua Direita (hoje 1.º de Março), residencia do Dr. Antonio Coelho Louzada.

Infelizmente a divergencia de opiniões e, sobre tudo, a ausencia de tolerancia, cedo começou a manifestar-se, ameaçando de inutilizar, logo em começo, o patriótico intuito do Dr. Rocha Cabral.

Não nol o diz claramente, mas deixa-o perceber a acta da fundação, que, na integra, passamos a transcrever:

«Primeira sessão da Assembléa Geral dos accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura em o dia 19 de maio de 1837.

«Os accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, reunidos, em numero de 43, na residencia do accionista Antonio José Coelho Louzada, e estando presente o Encarregado de Negocios da Nação Portugueza, João Baptista Moreira, foi este senhor quem presidiu á Assembléa, chamando para 1.º secretario Francisco Eduardo Alves Vianna e para segundo José Antonio de Seixas.

O primeiro secretario pediu a palavra para expôr o estado da Associação, e sendo-lhe concedida, apresentou a lista geral dos accionistas, que sobem a 189, tendo subscrito por 404 accões, e em seguimento offereceu á Assembléa um projecto de Estatutos, por elle organizado, e esta offerta foi recebida com especial agrado.

«O mesmo Accionista fez a seguinte declaração: — Proponho que na falta de Estatutos se adopte já o seguinte artigo do meu projecto: — O Conselho Administrativo da sociedade é nomeado em Assembléa Geral, e se compõe de sete membros: um Presidente, um Vice-Presidente, dois Secretarios, um Thezoureiro e dois Agentes.

«Posta em discussão, os accionistas Louzada e Luiz José da Silva mandaram á meza a seguinte emenda:

«Proponho que fique prorogada a presente meza provisoria até á definitiva approvação dos Estatutos.»

E entrando a emenda e proposta em discussão, o Presidente, depois de sufficientemente discutida a materia, poz a votos as seguintes questões: E' da approvação da Assembléa que fique prorogada a actual meza provisoria? e a Assembléa Geral decidiu que não.

Interrogou o presidente mais: Deve proceder-se á nomeação de uma nova meza, composta de igual numero de membros? e a Assembléa decidiu que sim.

Em virtude d'esta deliberação, o presidente fez proceder á eleição, e a maioria de suffragios recaiu para Presidente, no sr. José Marcellino da Rocha Cabral; 1.º Secretario Francisco Eduardo Alves Vianna, 2.º Secretario José Maria do Amaral Vergeiro, os quaes tomaram os respectivos logares.

«O accionista Francisco Xavier Alves propoz que se nomeasse uma commissão de tres membros, além do accionista auctor do projecto de Estatutos, para o reverem e organisarem, e, posto a votos, foi approvado, e procedendo-se á eleição, reuniram o maior numero de votos o Dr. Cabral, Dr. João Joaquim Pestana, Dr. Almeida e Silva e Francisco Alves Vianna.

«O accionista Francisco Xavier Alves propoz se agradecesse ao sr. Dr. Antonio José Coelho Louzada a urbanidade com que se tinha dignado tratar a todos os accionistas presentes, franqueando-lhes a sua casa. O Presidente, como interprete dos sentimentos da Assembléa, significou áquelle senhor que os portuguezes allí reunidos se achavam honhorados pela civil e hospitaleira recepção que lhes havia feito o Ill.º Sr. Dr. Antonio José Coelho Louzada.

«Não havendo mais cousa alguma a tratar, o presidente encerrou a sessão á 1 ¼ horas da tarde.

«Sala da sessão da Assembléa Geral dos accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro, aos 14 de maio de 1837.

«Assignado: José Marcellino da Rocha Cabral, Presidente — Francisco Eduardo Alves Vianna, secretario — Henrique do Carmo Edolo, secretario.»

A um infatigavel trabalhador e grande benemerito do colonia portugueza no Rio de Janeiro — Henrique Leite Pereira Bastos — a esse bom velho e saudoso amigo, devemos o poder lêr nas entrelinhas da proposta do Dr. Louzada a intenção de arrear da presidencia o Dr. Rocha Cabral cujo nome reunia o maior numero de sympathias e suffragios e garantia a liberdade e tolerancia necessarias para que todas as opiniões fossem respeitadas e aproveitados todos os elementos capazes de elevarem desde logo a nova associação á altura do fim que a originou.

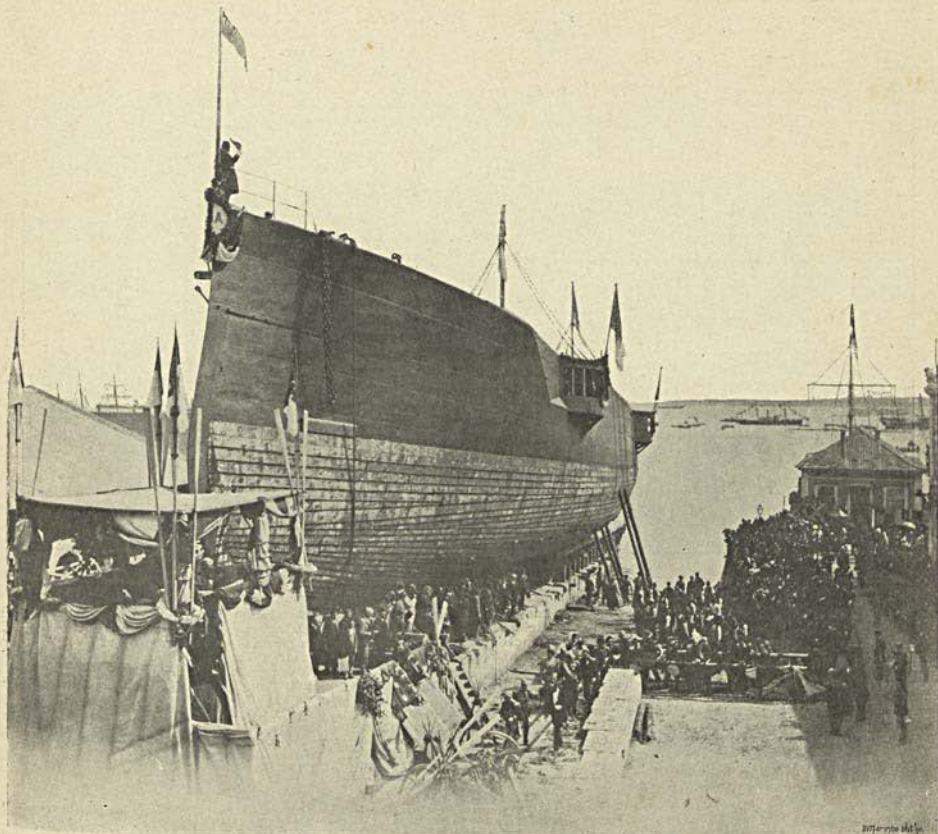
Pensava o Dr. Louzada e com elle pensavam alguns, poucos, felizmente, que a presidencia do Gabinete devia recahir no então representante de Portugal, ou, pelo menos, em pessoa do seu grupo e a elle inteiramente affecta.

A intolerancia avançava o primeiro passo no caminho das posteriores divergencias, que deram causa á annullação do intuito do Dr. Rocha Cabral, como mais tarde verificaremos.

E' de crêr que o Dr. Coelho Louzada, homem illustrado e tido como profundamente sensato, commungasse, no intimo, na idéa do Dr. Rocha Cabral, mas talvez por isso mesmo, isto é, porque previa a importancia da associação nascente, a sua particular amizade com o Dr. João Baptista Moreira, contra o qual já uma parte da colonia se manifestava surdamente, cerrava-lhe os ouvidos da consciencia, ao interesse da collectividade para escutar apenas o interesse do amigo.

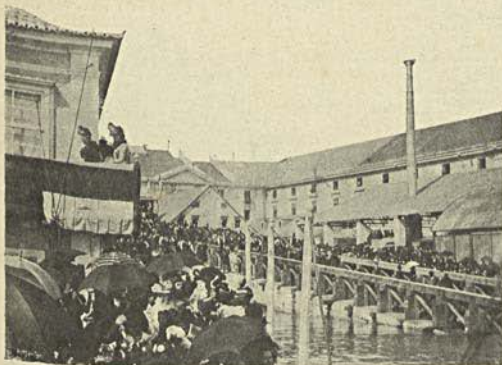
A maioria, porém, dos accionistas parece ter-se apercebido rapidamente do seu intento, e não se limitando a reger-lhe a proposta, votou á substituição immediata da meza provisoria!

A intolerancia do Dr. Coelho Louzada respondeu a intolerancia da Assembléa, a que o Dr. Baptista Moreira, mal avisado, recorreu, pois que, como da acta se deduz, a proposta de Alves Vianna não cogitava da substituição da meza n'aquelle momento e apenas de dar á nascente associação, antes mesmo da approvação dos Estatutos, uma Direcção regular.



O cruzador D. Amelia

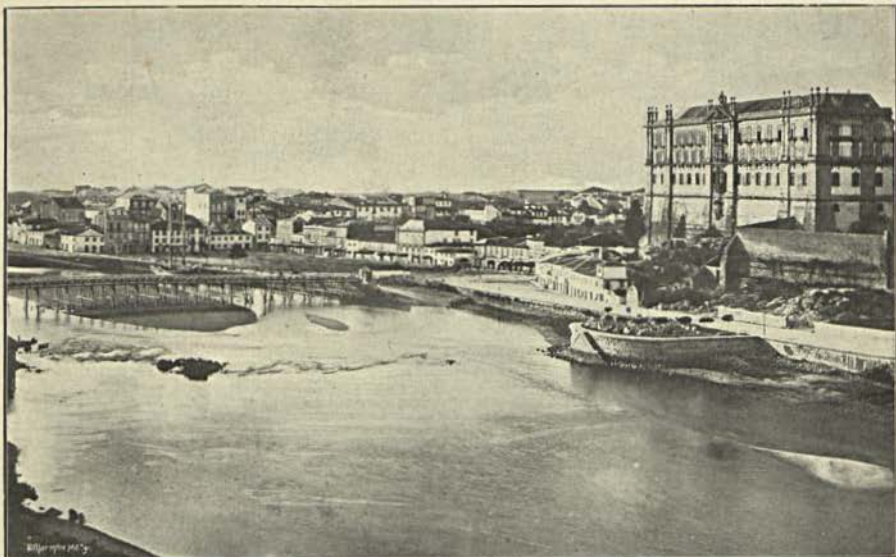
(Antes de lhe tirarem as ultimas escoras)



(A carreira depois de estar na agua o cruzador)



(O cruzador fluctuando)



Vila do Conde

ESTA pittoresca villa portugueza fica situada n'um terreno plano da margem direita do rio Ave, da foz do qual dista 21 kilometros. A sua distancia ao Porto é de 30 kilometros. E' curioso o castello, mandado construir por el-rei D. Duarte e continuado em 1624 pelo duque de Bragança D. Theodosio. Tem casa da Misericordia, estação telegraphica e hospital, e uma ponte sobre o rio Ave. Na villa existe o real mosteiro de Santa Clara, fundado em 1317 por Affonso Sanches, filho do rei D. Diniz e por sua mulher Thereza Martins, cujo tumulo em mar-more existe no mesmo mosteiro. A agua que abastece esta formosa villa do norte de Portugal é para all conduzida por um aqueducto de 999 arcos, feito a expensas das freiras no tempo de Filipe II de Hespanha. Nas excavações que se fizeram para a construcção do castello foram encontradas varias saphiras magnificas, uma das quaes é tradição ter-se vendido em Paris por vinte e oito contos de réis.

A villa foi fundada, segundo alguns autores, por D. Sancho I em 1200, e, segundo outros, por D. Diniz em 1300.

O seu brazão d'armas é em campo branco uma nau navegando á bolina em mar azul.

A sua maior industria é a de renda, na qual se empregam para cima de mil e quinhentas mulheres.



Mariano Pina

Damos hoje o retrato d'este jornalista e homem de letras que o Brasil por demais conhece, e a quem a morte prematuramente cerrou os olhos na curta idade de 38 annos.

Principiando a sua carreira litteraria no *Diario da Manhã*, quando o saudoso Pinheiro Chagas o dirigia brilhantemente com a luz do seu enorme talento, Mariano Pina ao cabo de alguns annos foi para Paris na qualidade de correspondente da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro. Na capital da França fundou a *Illustração*, bello jornal de artes e lettras que durou nove annos. Regressando a Portugal dirigiu o *Esdrázar Popular* e depois o *Jornal do Commercio*, do qual era redactor gerente ha bastante tempo. Fez uma viagem ao Brasil onde teve a ventura de verificar quanto o seu nome era conhecido e apreciado no glorioso paiz do Sul.

Ha um anno pouco mais ou menos manifestaram-se-lhe os primeiros symptoms da tuberculose, tomando logo a doença um incremento alarmante.

Trabalhando sempre, foi mandado para o Estoril por conselho dos medicos. O ar do mar e as emanações resinosas dos pinheiros sustaram por algum tempo a marcha da terrivel enfermidade.

O infeliz jornalista estava porem irremediavelmente perdido e no dia 3 de Março exhalava o ultimo alento sem uma agonia nem uma allieção.

Mariano Pina era o prototypo do litterato moderno, incansavel, movimentado, e aborrendo a arte, a critica e a litteratura, sendo notavel na segunda d'estas especia-lidades. Trabalhos multiplas e mecrus pobrissimos.

A sua existencia foi uma lucta constante de todos os dias, que só tinha a compensação de ver que era considerado como um intellectual de grande valor e merecimento.

A mascara que publicamos é copia de um original tirado por seu irmão, o distincto scenographo e aguç-rehista Augusto Pina, poucos minutos depois do falle-cimento. Tirada no primeiro pedaço de papel que poudo haver á mão, não lhe fizemos a menor emenda.

O *Brasil-Portugal* deplora a morte do moço litterato que tanto ornou com a sua intelligencia e com o seu trabalho as paginas da litteratura portugueza.

Paz á sua alma.



A mascara de Mariano Pina

Um concurso de...

MOSTRA-ME O TEU BIGODE, DIR-TE-HEI QUEM ÉS



Eu ainda sou do tempo em que, quando um rapaz, entre os 18 e os 20 annos, deixava crescer o buço, à espera do bigode que mais tarde viria, sahia de bengala ao dia de semana, fumava um cigarrinho bregreiro ou calçava umas luvas de doze vintens, compradas no Gonçalves, era capitulado, pelos paes, de grande extravagante, e, quasi que mandado para o Brasil, n'um *cavallinho de pau!*

O bigode, principalmente, causava horror á burguezia da Baixa... Os rigidos *pater familias* de 1830 a 1840 passariam pelas luvas, perdoariam a bengalinha de junco, fechariam os olhos ao cigarrinho, dado pelo agudeiro da casa, mas o bigode... oh! o bigode! isso nunca!

Ter um filho de bigode! Oh! vergonha das vergonhas... Oh! escandaloso! eternas luminarias!

Com os batalhões nacionaes, no tempo da Maria da Fonte, o bigode começou a deitar os pausinhos ao sol...

Mas sustentou grandes luctas... luctas heroicmas!

Só os estudantes de Coimbra, enquanto se não formavam, os janotas do Marrare do Chiado, e os militares, é que tinham a licença tacita para deixar crescer alguns cabellos entre o labio superior e a base do nariz!

Ao cabo de largos annos de lucta insana, começou a burguezia a deitar bigode...



Um ou outro caixeirinho, cujo patrão era patuleia, e pertencia aos partidos avançados, e leitor do *Patriota* do Daniel Tavares e do *Supplemento Barlesco* do Bernardino Martins, conseguia disfarçadamente deixar o seu bigodinho...

Começaram depois os patrões, os mais janotas; um ou outro medico; algum advogado, com poucos clientes e muita barba... Veio a propaganda dos *Figaros*, em favor das liberdades do queixo e das bochechas... principiaram a apparecer péras á imperial, bigodes á franceza, barbas á Abrahão... e por fim a revolução alastrou, como uma nodoa de azeite; o bigode entrou nas secretarias de Estado, nos hospitaes, na Boa-Hora, nas lojas da Baixa... O elemento popular começou a emancipar-se dos dominios do barbeiro... e hoje em dia até nos campos, nas aldeias, o bigode impera despoticamente e a *barba-toda* é universalmente admittida em todas as classes da sociedade.

A arte dos Baron e Godefroy está em decadencia... e barbeirinho que tem a dita de escanhoar um ministro de estado, um conselheiro, um deputado ou um digno par do reino, não tarda que não tenha o seu logar á meza do orçamento...

Foi por isso que tive hoje uma ideia, o que felizmente me acontece muitas vezes, e lembrei-me do seguinte.

Assisti a muitos concursos, em Paris. Tem havido varios certames de belleza, já em Paris, já em Vienna, já em Milão. Os *grands prix de beauté*, authenticos e mesmo de contrabando, estão espalhados por todo o mundo... já conheci dois ou tres, cujos diplomas me pareceram bastante duvidosos... Mas em fim *c'est la foi qui nous sauve!*

Assisti tambem a varios torneios, organisados pela redacção do *Courrier Français*, no *Elyseu Montmartre*...

Vi o concurso de pernas... creio que mesmo o de ligas... vi o de... o de... etc., etc. Não ousou dizer á casta leitora, nem aos leitores que forem imberbes, quaes concursos foram aquelles... *Vidè* a collecção do *Courrier Français*...

Ora cá na nossa terra, onde o matto é de rosmaninho, como diz o bom Garrett, esses concursos não se podiam fazer...



As damas portuguezas e os rapazes da sociedade são de costumes de todo o ponto patriarchaes e ingenuos, e um concurso no genero dos organisados por Jules Rocques seria peor que os effeitos de uma bomba de dynamite lançada por mão anarchista, em dia de proccissão! Juizo é que se quer! nada de brincadeiras!

Mas lembro-me de um concurso casto e pudibundo, que se poderia perfeitamente estabelecer aqui em Lisboa...

Era um concurso de bigodes!

O bigode dava margem para fazer suar o topete aos cidadãos que fossem escolhidos para membros do jury, e para a classificação dos candidados...

Acho até que se lhe poderia addicionar um supplemento de bigodes do sexo feminino.

Ha matronas do sexo chamado fragil, que no tocante a bigodes, podiam hombrear com muitas praças da guarda municipal e da policia civil.

Não me espraiei no estudo dos bigodes, applicado ás diferentes escamas do grande peixe que se chama a sociedade, isto é, aos diferentes estudos de individuos que formam o corpo social.



Conhecer um conselheiro estudando-lhe os bigodes; o caloteiro, o alfaiate, o surrador, o senhorio, a parteira, o litterato, o leitor do *Diario das Cortes*, o major reformado, a palmilhadeira, o assignante de S. Carlos, o ministro de estado, o cocheiro dos americanos, o medico, o guarda-freio dos elevadores, o gato pingado, o moço de fretes, o

OS APOSENTOS DE SOUSA LARA



Sousa Lara

Passa depois de amanhã o anniversario de um dia glorioso para alguém, e, volvidos mais quatro dias, outro anniversario não menos brilhante vem lembrar um dos maiores acontecimentos que podem honrar para sempre a existencia de um homem.

«Ficam sendo para mim duas datas de agradabilissimas sensações, que jámais esquecerel: a de 18 d'abril, em que foi proferida a minha sentença absolutoria, e a de 22, em que uma corporação inteira me cumulou de distinctas honrarias.»

Estes são os factos, estas são as datas, e o nome que estas palavras subscrive é o de Antonio de Sousa Carneiro Lara.

Era tão recta a sua linha moral, tão exemplar a sua honradez, tão extraordinario de abnegação o acto que praticára para recuperar a sua honra calumniada, reconquistando-a incondicionalmente depois de lhe consagrar o trabalho, as horas, o pensamento, a vida intensa, durante dez annos de soffrimento e de luta, era, emfim, tão fóra da época o seu procedimento de excepção, que depois de uma sentença nobilitadora, n'esse memoravel dia de 18 de abril de 1893, uma corporação inteira — a de commercio — toda uma cidade — a de Campinas, — Brasil — glorificava o homem que praticára uma acção digna dos tempos antigos, e, que por ella deixava o seu nome de negociante e de portuguez vinculado á admiracão de um paiz que não era o seu, e que via na sua individualidade característica o prototypo da velha honra portugueza.

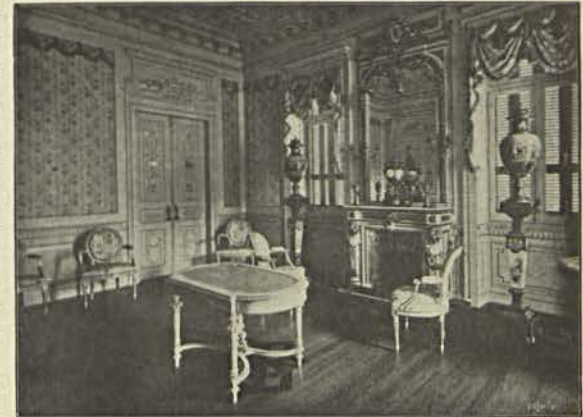
E' o mesmo nome illustre que ennobrecer esta pagina. E' o nome do sr. Sousa Lara, o honrado negociante que preside hoje á Associação Commercial de Lisboa, que o *Brasil-Portugal* folga de inscrever na serie d'aquelles que por varios titulos tem direito a esta especie de registo publico. Nome dos mais bemquistos e venerados entre quantos se têm dedicado ás coisas de Africa, vendo que só no nosso, ainda vasto imperio colonial, reside o nosso futuro, ou pelo menos a nossa esperanca, essa circumstancia, se tantas outras se não reunissem, bastaria para dar ideia do jubilo que sentimos em prestar esta homenagem ao homem que vai ser a alma do *Centro colonial* ultimamente organizado em Lisboa, como é a alma d'essa empreza gigantea, que deverá ser benemerita da patria, no momento em que leve a effeito este projecto colossal: dotar a Africa com um caminho de ferro que vá de Lobito, Benguela á fronteira de Angola.

O que hade ser essa futura linha africana, o serviço que ella vai prestar ao commercio portuguez, disse-o já, com voz auctorizada, n'esta Revista, um dos seus mais illustres colaboradores.

16 annos têm corrido sobre o acontecimento culminante que com o seu cunho glorioso marcou para sempre a vida de Sousa Lara. 16 annos são volvidos sobre esse dia notavel em que elle, depois de um trabalho extenuante de 10 annos em Africa, entrou no Brasil com todo o producto do seu cerebro e do seu braço, e confundindo os seus caluniadores, tudo entregou do que possuia, espontaneamente, honestamente, áquelles que nem já pensavam no seu nome, e o que lhe sobejava e se contava ainda por muitas dezenas de con-



Sala de jantar



Sala de visitas

tos, distribuía bizarramente por estabelecimentos de beneficencia. Desseis annos volvidos sobre tudo isso augmentaram a sua estatua moral, e aqui, como no Brasil, como nas colonias portuguezas, o nome de Sousa Lara dispõe de creditos tão vastos e tão solidos que só por si constitue uma das glorias do alto commercio portuguez.

Ao lado do seu retrato que vem á frente d'esta pagina, damos algumas gravuras que representam o seu elegante palacete na Avenida, um dos mais bellos e vastos que se têm construido n'aquella parte moderna da cidade. E, juntamente, podem os leitores do *Brasil-Portugal* ver alguns dos aposentos interiores d'essa residencia, distincta entre aquellas que se assignalam pelo confort moderno e apparatus decoracão. Essa casa foi a unica, pertencente a um particular, que o actual presidente da Republica do Brasil, honrou com a sua presenca, quando ultimamente em Portugal recebeu as aclamações de uma população inteira.

E o Destino, que raras vezes deixa de ser justo e providencial, comprovou-se em determinar que depois de desseis annos de conquista de nome, de fortuna e de triumpho, viesse o primeiro cidadão do Brasil coroar, com um abraço dado cordealmente ao amigo da mocidade, na sua propria casa, a obra a que este se consagra: fazer respeitar a sua probidade, engrandecer o seu nome, servir a sua terra.

POETAS E PROSADORES

(Perolas Dispersas)

A VIDA

A' ultima

Abri meus olhos ao raiar da aurora e parti. Veio o sol e então seguia-a, a sombra que eu julgava guiadora, a minha propria sombra fugidia.

E foi subindo o sol; ao meio-dia escondeu-se-me aos pés a sombra; agora se volvo o olhar onde passei outr'ora, vejo a seguir-me a sombra que eu seguia.

A gente é sol d'um dia; sóbe, avança, passa o zenith e vai na immensidade apagar-se no mar onde se lança...

E a vida é a propria sombra: meia idade sómos nós que a seguimos e é a esperanca; depois segue-nos ella e é a saudade!

Inda hoje, o livro do passado abrindo, Lembro-as e punge-me a lembrança d'ellas: Lembro-as, e vejo-as, como as vi partindo. Estas cantando, soluçando aquellas.

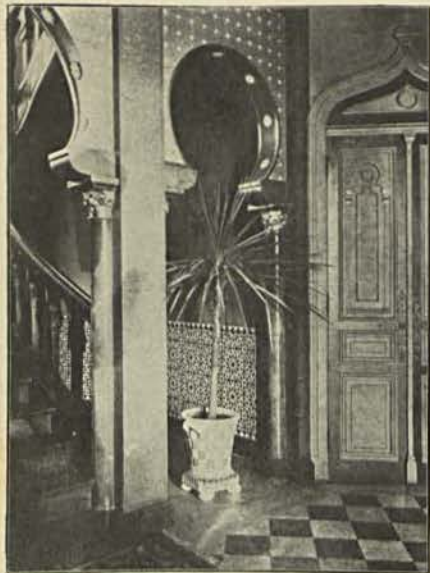
Umás, de meigo olhar, piedoso e lindo, Sob as rosas de neve das capellas; Outras, de labios de coral, sorrindo, Desnudo o seio, lubricas e bellas...

Todas formosas como tu chegaram: Partiram... e, ao partir, dentro em meu seio, Todo o veneno da paixão deixaram.

Mas, oh! nenhuma teve o teu encanto, Nem teve olhar como esse olhar tão cheio De luz tão viva, que abrazasse tanto!



Residencia



Escadaria

capellista, o cangalheiro, a dona de hospedarias *louches*, o confeitiro, o carvoeiro, etc., etc.

Todas estas entidades podiam entrar no concurso, e poder-se-ia fazer um estudo philosophico: o bigode applicado ás diferentes posições sociais, ou a maneira de conhecer os homens e as mulheres pelo bigode!

Mostra-me o teu bigode, dir-te-hei quem és!

Mostro persuadido que a filha de Eva que obtivesse o primeiro premio e a medalha de algarismo 70 no *Concurso dos Bigodes*, tinha a sua fortuna feita...

E os machos laureados! Os bigodes de 1.ª, 2.ª, 3.ª classe, os que obtivessem a de ouro, ou a de prata ou mesmo a de cobre?...

Um bigode premiado com a medalha de cobre já devia ser coisa respeitavel...

A de ouro essa então não deixava de ir para a alta finança, conselho de estado, corpo diplomatico... ou então para algum porta machado da municipal... e ia decerto para a casa de Saboia!

A ideia ali fica... aproveite-a quem quizer... creio que me a aceitarão por ser offerecida de boa vontade... pois não quero bigodear ninguém!

MARIANO FRÖES.



O monumento a Affonso d'Albuquerque

Este monumento, actualmente em construcção na praça de D. Fernando, em Belém, é devido a um legado de 25 contos do erudito e fallecido historiador Luz Soriano, um dos cidadãos benemeritos mais notaveis que tem tido o nosso paiz.

A estatua do grande homem é obra do notavel escultor Antonio Augusto da Costa Motta, discipulo de Victor Bastos e de Simões d'Almeida, e um dos nossos novos artistas de mais reputado merito e largo futuro. A estatua, cuja gravura damos na primeira pagina do presente numero, mede 4^m,20 de alto, devendo ficar collocada a 18 metros. E' inspirada na celebre resposta *«esta a moda com que El-Rei de Portugal paga os seus tributos da qual pelo conquistador de Ormuz aos embaixadores do rei da Persia que o visitaram em Gôa.*



O escultor Costa Motta

Para este monumento, Costa Motta tem mais 4 baixos relevos de 2^m de largo, sendo o primeiro subordinado á legenda inspiradora da estatua, o segundo *A entrega das chaves da cidade de Gôa*; o terceiro, *A tomada de Malaca*; o quarto, *Affonso d'Albuquerque recebendo o embaixador do rei de Bisnaga*. Trabalha tambem para o mesmo monumento em 4 figuras decorativas representando a *Patria*, o *Genio guerreiro*; a *Justiça*; e a *Politica*.

Costa Motta é o auctor da notavel estatua intitulada *A volta da fonte do Castanheiro*, pertencente ao Dr. Barahona, de Evora, e da *Meditação e Religião*, do mausoleu do Dr. Ayres de Campos, de Coimbra. Costa Motta é um artista correctissimo, de verdadeira alma, que a todas as suas obras imprime um cunho de vida e expressão que as torna realmente notaveis. O monumento n Affonso d'Albuquerque ficará sendo o padrao glorioso do seu grande talento.

Cartas de Paris

De "Boulevard."

O que falam da decadencia de Paris, tornado, segundo elles, uma cidade amortecida e sem brilho, deveriam, para verem quanto se enganam, ter ido hontem á abertura do Concurso Hippico de França. Que multidão, santo Deus! Que apertões! Mas como tudo aquillo era bello e alegre, vivente e moderno! O velho axioma que diz que "a multidão, qualquer que ella seja, é sempre desagradavel, deixa de ter razão de ser quando se vê uma multidão como aquella, brilhante, elegante, perfumada, feliz d'existir e representando ao espirito alguma coisa como a florescencia gigantesca d'uma cidade enorme e prospera, saturada de luxo, de riqueza e de bem estar.

Eu não quero, de certo, enfileirar-me entre os "respeitosos, de quem Veuillel dizia *que se curvam ingenuamente perante tudo o que reluz; mas francamente, um tal espectáculo tem verdadeiras e penetrantes seducções.

Chateaubriand pretendia que a multidão é um "deserto de homens,, e, seguramente, n'um tal sitio, a despeito da agitação ambiente, o moralista rubicundo poderia achar-se isolado como no Sahara. Em compensação, para o observador imparcial, isento de pessimismos preconcebidos, que bello campo d'experiencia, que momento e amplo assumpto d'estudo! Alli de anno para anno, na irresistivel renovação dos usos, na gradação das invenções e das phantasias da moda, está-se á vontade para interpretar nas suas multiplas e variadas *nuanças* a evolução do caprichoso genio que, de idade para idade, modifica a seu bel prazer as sociedades humanas, destroe a estaticistica reinante, transforma o aspecto anterior! Este espectáculo do Concurso Hippico, que atinge hoje o maximo da voga, entrou definitivamente nos costumes francezes e constitue uma das mais significativas curiosidades do Paris actual. A ostentação feminina é o principal elemento em jogo n'esta solemnidade que, ao toque de reunir das modistas celebres, representa qualquer coisa como "a grande revista da primavera". E' alli que se vê saber qual é a côr que predominará na estação imminente.

Deve notar-se que no Concurso Hippico, o que menos preoccupa os assistentes, é o cavallo. A boa roda encontra-se, "frita", intriga, entre si; combinam-se "rendez-vous", machinam-se adulterios, organisam-se jantares. Mas, com excepção dos profissionais, toda a gente volta as costas á arena, importando-se pouco ou não se importando nada com as proezas dos esveltos "hussardos, ou dos *gentlemen* de casaca encarnada.

Para vêr cortezias, Diderot ia ao Palais-Royal, onde se sentava no famoso "banco d'Argenson". Pelo que toca á mesma classe de uteis e interessantes especialidades, o Concurso Hippico representa hoje o grande mercado metropolitano, alguma coisa de analogo ao que são, no ponto de vista da alimentação, as "Halles, centres". Se estas são "o ventre de Paris,, pergunto o que poderá chamar-se á vasta Galeria das Machinas, do "Champ de Mars, na época em que o Concurso Hippico alli attrae e reúne todas as "cultivadoras, do amor livre, todo o commercio feminino de grosso e de retalho. E' um espectáculo pouco banal, o vêr agrupadas na tribuna da direita, á entrada da galeria, as grandes sacerdotizas de Venus *vis-à-vis* das duquezas mais authenticas das duquezas mais braxotas.

Porque o Concurso Hippico tem a vantagem de nos dar, durante umas tres semanas, a realidade ou a illusão de uma sorte de esplendor mundano e semi-mundano. O feminismo triumpho. E, durante esses dias, exerce o seu instincto de *coquetterie* e de refinamentos, exhibe as *toilettes* mais requintadas, excita e lisonjeia por meios ineditos a eterna chimera imaginativa que vive no cerebro e no coração do homem.

Em resumo, este espectáculo é do numero dos que fazem d'esto Paris, perpetuamente jovem, o *emblemam mundi!*

O novo presidente da Republica não quiz inaugurar o seu reinado com a assignatura de uma sentença de morte. Graças a esta recrudescencia, um jovem criminoso de vinte annos, Xavier Schneider, que ha cerca de quatro mezes assassinara covardemente uma dama Leprince, que exercia o commercio de flores na rua de Saint-Bénin, d'esta cidade, conseguiu escapar ao sinistro cunho da guilhotina, a que estava irremediavelmente condemnado.

Este imberbe assassino estava destinado, ao que parece, a ser o ultimo condemnado que subiria ao cadafalso na tragicamente historica praça da Roquette, em vista d'um projecto de lei, recentemente apresentado ás camaras francezas, determinando que as execuções capitães passarão a ser feitas nos pateos das prisões, á porta fechada, com a simples assistencia dos magistrados cuja presença em taes actos é ordenada pela lei. A imprensa será excluida do sinistro espectáculo.

Esta ultima parte provoca, naturalmente, os mais vehementes protestos dos jornalistas parisienses. Salvo o devido respeito que eu tenha por estes illustres collegas, confesso que não acho justificada a sua indignação. O espirito do legislador, afastando os jornalistas do "espectaculo, das execuções capitães, é d'evitar que elles se desfaçam em dithyrambos sobre a pimponice, o sangue frio e a coragem possiveis do condemnado.

Eu assisti á ultima execução capital que se consummou na praça da Roquette. Tratava-se de cortar a cabeça a um mancoço, quasi uma criança, que se tinha feito o auctor de um homicidio particularmente odioso e inutil. Chamava-se Peugnez, era aprendiz de

dentista e tinha assassinado o patrão para lhe receber uma quantia de que o julgava portador, mas que não encontrou. As portas da prisão abriram-se, Peugnez avançou, pallido, exangue, transido, encorou o cutello, e ia quasi a desmaiar quando se lembrou que convinha "morrer bem, quer dizer: um auctor do crime. Esta ideia insufflue-lhe um pouco de forças e de memoria para balbuciar por tres vezes, á imitação do celebre Avinain:

— *N'avonez jamais! n'avonez jamais! n'avonez jamais!*

Os dentes entre-chocaram-se-lhe, o rosto tornou-se-lhe d'uma lividez mortal, as palavras difficilmente lhe atravessavam os labios já quasi mortos. Sentia-se apenas que elle não queria fraquejar de toda a grandeza. Sentia-se apenas que elle não queria fraquejar perante os jovens degenerados da sua especie, que se alimentam d'alcool e de presumpções de laudidos. Em boa fé, não podia achar-se outra explicação a uma attitude cujo motivo era essencialmente desprezível.

Não obstante, o pastor protestante, (Peugnez convertera-se ao protestantismo na prisão), que conduzia o joven criminoso ao cadafalso, entendeu, sem duvida por orgulho profissional, dever proclamar que não conhecia exemplo de uma tal coragem.

Naturalmente, os reporters precipitaram-se, lapia e papel em punho, e recolheram euidosamente o elogio, emoldurando-o depois de "clichés, pomposos, a tanto por linha. As gazetas penetram nos meios viciosos em que Peugnez viveu, e pode-se ter a certeza de que este se tornou, entre os aprendizes criminosos dos antros que elle frequentava, uma especie de semi-deus do crime, sendo citado como exemplo aos debutantes.

E' por isso que eu acho bom — emquanto a justiça de França não tiver feito desaparecer do seu codigo a vergonhosa noção de sangue que a deshonra — que se occulte o espectáculo do assassinato legal a quem quer que n'elle não collabore directamente pelas suas proprias funcões.

A implacavel loucura acaba de fazer mais uma victima no mundo das artes: Lautrec, atacado subitamente de alienação mental, foi encerrado d'uma casa de saúde.

Descendente d'uma familia illustre, Henri de Lautrec, pintor, desenhador e lithographo, gozava d'uma d'estas reputações que começam no *Moulin de la Galette* para acabarem no *Boulevard*. Artista individual e curioso, depois de ter sonhado glorias officiaes sob a fécula e segundo a fórmula de seu mestre, o grande Cormon, especializou-se no cartaz. As excentricidades que produziu n'este genero de pintura, tão apreciada hoje em Paris, valeram-lhe a reputação de artista original, reputação que o seu talento real, normalmente e sobriamente cultivado, teria sido impotente para o affirmar.

Henri de Lautrec ganhava o bastante para viver folgadamente. Não foram pois os cuidados de um espirito atormentado, nem as tristezas de uma existencia miseravel que o conduziram á loucura.

Mas é que na nossa epoca febril e agitada, a vida do artista ou do escriptor, esta vida de pensamento ardente e de lucta feroz, predispõe de mais em mais a alienação mental. Para crear, no ponto de vista artistico, é preciso pensar, imaginar com intensidade, provocar as sensações, excitando-as mellos, á loucura.

Não faltam, infelizmente, exemplos em apoio d'esta these. E' Alfredo de Musset, morrendo alcoolico; é Flaubert, em quem o delirio creador desenvolveu a epilepsia; é André Gill, que levantado d'uma estrada onde se debatia n'um accesso de loucura furiosa, luctou quatro annos seguidos contra a demencia final que devia arrastar-lhe á morte. Mais recente, é o grande Maupassant, o athletico *recoadman* amoroso que o ether e a morfina levaram primeiro á *hipochondria* e em seguida á loucura, depois das vãs tentativas de suicidio que se conhece. E' o espirituoso e mordente — é tambem sentimental — Jules Jary, um dos tres ou quatro cancionistas que sobreviverão a esta epoca em que toda a gente faz canções; é Munkacsy, o mestre de pintura... e tantos outros menos notaveis!

Todos são victimas do nosso horriavel *struggle for life*, todos são victimas sobretudo do seu frenesim em perseguir um ideal de arte que sentiam escapar-lhes e que procuravam fixar exasperando as suas sensações e exacerbando a sua nevrose original.

E ella ganha terreno todos os dias, a hypothese da nevrose dos artistas, do proximo parentesco do genio e da loucura, lançada na circulação por Lombroso, e cuja paternidade cabe a Diderot. "O genio, disse Buffon, não é senão uma longa paciencia... Depois veiu Thoulouse, em cata de "degenerados superiores", que proclamou: "O talento não é mais do que a loucura canalizada."

A questão é de saber canalisar. Canalisemos...

SILVA LISBDA.

THEATROS

Maria Guerrero

CHEGOU e venceu...

Veio e confirmou plenamente esse agudo estimulo de fama que a precedera. Incontestavelmente, Maria Guerrero é hoje a primeira individualidade da scena hespanhola: primeira nos processos de dicção, no temperamento, no feito, no character, na orientação interpretativa das figuras, na qualidade mesma da belleza.

Tambem, tão intimamente sente e estremece a eminente actriz esta sua feição preponderante, tão do fundo de alma se acha embebida na fervorosa comprehensão do seu destino, que, fora da Hespanha, ella não exhibe senão repertorio hespanhol, applicando o melhor de suas facultades a triumphalmente passear pelo mundo os classicos primores d'esse theatro pujantissimo, — hoje parado, — mas que foi no emtanto, durante dois seculos, o primeiro como brilho, como arte, como moral e como escola, não desdenhando antião os grandes mestres, sem exceptuar Molière, n'elle beber algumas vèzes a idea e a forma, o processo e a inspiração.

Nos, registando a passagem de Maria Guerrero pelo D. Amélia



Maria Guerrero



Theatro hespanhol
(na peça classica *Isidoro con el desen*)

como um acontecimento artistico, vamos tentar desobrigar-nos do compromisso contrahido no numero anterior, tratando mais especificamente da representação, no *Gymnasio*, da

Casa da Bojeça

Para fixar impressões, convém que digamos já que a interpretação dada por Lucilia Simões a essa complexa e fatigante personagem de Nora é positivamente um assombro. Nunca ella foi tão superior e completamente representada, — temos d'isso a certeza; assim como tambem podemos afoitamente futurar que nunca, por esses tempos fora, actriz nenhuma a interpretará melhor! E isto pelo mais simples e infallivel dos motivos: porque a realização de Lucilia é absolutamente perfeita, e portanto fatalmente inexcédível.



Não vá o leitor imaginar que quaisquer ephemeros não se exagere o felsem o dogmatismo d'esta nossa affirmativa; não se pense que o nosso temperamento de meridional, a quente vibratidade d'uma forte subjectivo recebida, estejam traçoavelmente alterando, — como um objecto visionado através a tremula vaporação d'uma fogueira, — a comprehensão nítida, o alcance exacto do assombroso trabalho d'esta extraordinária e surpreendente actriz. Não... O Brasil breve vai ter a incomparavel delicia intellectual de vêr também, por esta mesma companhia, a *Casa da Boneca* ahí representada; e então terá a triumphante evidenciação do nosso asserto, e comprehenderá quão legitima e saborosamente hoje os portugueses se orgulham em contar na sua nação a eclosão d'um temperamento artistico tão formidavelmente fecundo e tão maravilhoso e tão completo.

Todo o mundo culto conhece o que representa e o que vale a individualidade morbida e colossal de Ibsen, no ambito da Philosophia e da Arte. A esta divina triade de disseccadores de almas, — Eschylo, Shakespeare, Schiller, — os unicos genios cujo poder synthetico e evocador tem através as edades sabido fixar pela emoção a anatomia psychologica d'aquelle aspecte, veio ultimamente juntar-se a figura veneranda e singular d'esse velho scandinavo, — meio apóstolo, meio demolidor, erguendo o commovido altar da illusão sobre os escombros fumegantes do Passado, — e que, por um processo todo pessoal, trazendo sempre «dentro da realidade um simbolo», o que é a suprema formula da Arte, continua com uma segurança, uma liberdade e um arrojio de predestinado a missão primordial dos outros tres.

Represental-o, portanto, *viver* capazmente no palco as protagonistas das suas peças, não se hade reduzir simplesmente a traduzir impressões, — ha mais que fazer ahí, ha que transmittir ideas. Não basta animar por uma sentimentalidade de convenção, vestir d'um modo habil os arcaicos mais ou menos feitos, as rocas banaes que a rotina nos offerece, todas preparadas, e que uma tradição secular consagra. — E' indispensavel entrar também no amago da peça, identificar-se com o proprio pensamento do auctor, comprehender e diffundir todo o enorme alcance d'aquella moral, o fundo logico humano de todas aquellas paradoxas, a causa primária e a razão de todas aquellas audacias. Antes de vivificar cada uma d'essas modelares creações com os seus nervos, a artista tem de as trespassar primeiro com a sua intelligencia.

D'ahi a esmagadora difficuldade da empresa. D'ahi que a semelhante committimento só ainda se tinham abalançado, lá fora, actrices feitas, de passos firmes n'uma larga carreira de triumphos e de nomeada universal. Entre nós, nenhuma ainda... E eis que de improviso nos surge agora uma creança, realizando, de salto, espontaneamente, por uma inconcebivel intuição, esse prodigio, em fulvas algazaras de talento guindada aos mais radiosos e altos estadios da Gloria! Como nós comprehendemos, e fervorosamente estimamos, o ineffavel desvanecimento, o incommensuravel orgulho de sua mãe...

E, por fallarmos n'est'outra prestigiosa e intelligentsissima actriz, agora nos lembra, e cabe aqui bem, um facto curioso, uma nota moral que nos impressionou bastante, e de cuja causa latente nós vemos agora, em toda a sua deslumbradora expansão, o fatalismo e a origem. — Foi no theatro do Principe Real, ha sete ou oito annos, quando, vinda d'uma longa ausencia pelo Brasil, Lucinda Simões ahí estava fazendo, com Polia, Alvaro, Maria das Dóres, etc., uma temporada que era uma deliciossissima desforra para todos nós, saudosos como andavamos do seu talento e ávidos do seu nome. Pois n'esse tempo Lucilia, então uma encantadora creança de doze annos, ia uma ou outra vez, ora com a mãe, ora com o avô, de dia, aos ensaios. Por signal que levanda, não raro, uma grande boneca, melindrosamente acarinhada nos seus bracos infantis. E, que pensam que ella fazia então, vel, absorva, no canto escuro d'aquella caixa do theatro, durante a arida monotonia da repetição das mesmas scenas?... Que se aborrecia? que se demorava muito tempo nos joelhos, no collo dos que se disputavam o caricioso prazer de mimal-a e entrell-a? que jogueava em innocentes travessuras com alguma outra creança, achado ahí presente?

Qual! bem longe d'isso... Não raro a surpreendiamos nós, — e era o que nos dava reparo, — já toda attenta á scena, sentada, immovel, absorva, no canto escuro d'algum preguço, seguindo n'um exclusivismo ardente de todo o seu ser a toda dos indifferes, e a isto com as phrases, todo aquelle arrastamento de incertezas... e isto com o busto longo e dobrado á frente, nos grandes olhos sonhadores boiando uma abrazada anxia de Ideal, e a esquecida boneca inerte, amarfanhada na aresta inflexiva dos cotovelos. — Era a sua grande vocação emergente, era a instinctiva prescencia do seu futuro que lhe atrahia o desejo e empolgadoramente a prendia já na rutula azo do Destino.

Dotada de recursos scenicos excepcionaes, preparada por uma educação e uma illustração realmente raras n'uma mulher, Lucilia Simões assignalou logo de entrada a sua *maneira* realizando verdadeiras difficuldades. Valente e prodigioso exemplo de selecção intellectual d'uma familia, o que n'esta estonteadora creança mais desde o começo da sua carreira artistica deslumbrava, não era tanto a precocidade alarmante do seu talento, como a assombrosa facilidade, firmeza e rapidez como ella dava conta de trabalhos de folego, de personagens de prova, como, por exemplo, *Francillon*. E todavia como então ainda vinhamos longe da inesperada revelação actual! Muito acertadamente frisou, a proposito d'este facto, o vivo espirito de *D. Tibas*, no *Reporter*, que quem a vê agora na *Casa da Boneca*, e a viu nas peças anteriores, «chega a comprehender que ella até aqui trabalhava acorreada, n'uma sujeição que a violentava, e em que ella não podia mostrar o que sabia».

E, com effeito, o convencionalismo, o artificio de todo esse theatro de hontem confrangiam-n'a. O seu temperamento, as suas predilecções, a sua educação, a sua intelligencia, a propria linha bizarra da sua figura aspera e colicante, não se satisfizem, não aquecem, não se sentem bem senão representando o drama moderno. Só ahí colhem estímulo a todo o complicado desdobraimento das suas aptidões, porque também parallelamente só ahí encontram alimento ao insano ardor das suas faculdades. Agora, sim! têm os auctores portugueses uma interprete á altura das exigencias da dramaturgia moderna. Criem, inventem, divaguem, subam á vontade, que não haverá sublimidade que ella não atinja... arrojio, subtileza, desvio, absurdo que não logrem tornar humano, comprehensivel, logico, os infinitos recursos d'esta creatura phenomental e extranha!

Porque, para mais, repararam já como ella é maravilhosamente complexa? como, ideativa e plasticamente, a sua anatomia e as suas faculdades se harmonizam e completam?... Vejam n'a em scena. — Abstrahindo já da torturada expressão da physionomia, das perturbadoras nuanças da voz, do illuminismo ardente do olhar, não vemos que adoraveis, que vigorosos decorativos nos dá, de gesto para gesto, de instante a instante, a sua irrequieta e cabalistica figura?... Quasi sem preparo, sem caracterisação, sem artificio nenhum galante, ella é no entanto sempre decorativa e gracil! Anda, senta-se, abandona-se para uma sophia, fixa-se n'uma attitude, e fica sempre inalteravelmente n'uma linha nobre, apparatuso e bella... no proprio abandono encontra *chic*, da mesma *gaucherie* do mais insignificante episodio a sua fresca e *garçonnière* arrogancia tira effeitos esculpturales de academia.

Conta Jules Claretie que, ha dois annos, quando foi do Congresso da Imprensa, em Stockholmo, lhe dissera Ibsen:

— Ha uma personagem das minhas peças, a *Nora*, que eu ainda não vi, e já agora não conseguirei vêr, capazmente desempenhada... Só a ver, se abalançam actrices feitas, como a *Réjane*, depois d'um longo tirocinio, e portanto fallhas já de mocidade, que é um dos requisitos essenciaes á objectivação perfeita d'aquelle papel.

Oh, e o bom velho posses vêr agora a nossa Lucilia! Que deslumbramento, que satisfação não seria a sua! Como elle veria finalmente, flagrante e vivo de emoção, palpitando, — como um ruído bater de azas, — da mais impetuosa e arrogante mocidade, — essa sua creança, querida entre todas, e para cuja completa realisação á leveza, a frescura, a energia, a graça são com effeito indispensaveis requisitos!

Com que orgulhoso desdobraimento de ternura, com que effusiva e cáida gratidão, esse austero e branco semi-devo consagraria, osculando-na na frente, a suprema interprete do seu genio! E como elle desejaria ardentemente, — e seria bem justo, — que a fama universal da peça abrangesse também a actriz, uma e outra passando a colher, na gloriação do mundo culto, o mesmo q'uañho commum de applauso a que duplamente lhes dão direito — o parallelismo de perfeição nos processos e a identica consubstanciação no mesmo ideal...

Lucilia Simões



Scena da Casa da Boneca

BRASIL—PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Impressão na typ. da Comp. Nacional Editora
Lagoa do Corcovado, 30Editor — LUIZ ANTONIO SANCHES
Redac. e administ. — R. IVREOS, 55 — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	4\$2000	Anno.....	2\$0000	2\$0000
Numero avulso { moeda brasileira }.....	2\$5000	5 mezes.....	4\$2000	6 mezes.....
		3 mezes.....	2\$8000	Numero avulso.....
		Numero avulso.....	2\$4000	2\$5000

SUMMARIO

Chronica Electrica — BRASIL—PORTUGAL.
As «palavras de Aguilões» — JESU DANTAS.
Galeria da Imprensa — Quintino de Barros, director do
«Paiz» do Rio de Janeiro; e Joaquim Leilão, correspon-
dente em Lisboa.
Tóiros — O numero de hoje
Demandas a terra — Accordo de Castello.
Pernambuco.
Instituições portuguezas no Brasil — Gabinete de leitura
no Rio de Janeiro — Visconde de Faro e Oliveira.
Villa do Londe.
Mariano Pina — (Illustração de Accordo Pina.)
Um concerto de... — MARILAKO PAGES.
Aposentos de Sousa Lara.
Posições e propositos — FERNANDO CALABREIA e OLAVO BELAG.
O monumento a Affonso d'Albuquerque (retrato do escult.
Eler Costa Motta.
Cartas de Paris (Do «Boulevard») — SILVA LISSOA.
Theatro — ANTONIO SORZANO.

Paginas supplementares

Brasil-Portugal — Os numeros seguintes.
O cruzador Rainha D. Amelia.
Estados do Brasil.
Horas de Oito — F. A. DE MATOS.

31 ILLUSTRAÇÕES

BRASIL-PORTUGAL

Os numeros seguintes

O n.º 7 do *Brasil-Portugal*, que inaugura a segunda serie trimestral d'esta Revista, e que apparece no dia 1 de maio proximo, será honrado com uma **carta autographa** — reproduzida pela photo-gravura — do **dr. Campos Salles**.

N'esse precioso documento o illustre chefe do Estado Brasileiro fazendo a esta publicação uma referencia que nos captiva, allude em palavras affectuosas ás estreitas relações, que mais do que nunca, ligam hoje os dois povos.

N'este mesmo numero serão reproduzidos uns quadros de **toiradas celebres**, e um trabalho em rendas, admiravel de delicadeza, d'essa artista benemerita, a sr. **D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro**, que n'outras gravuras tiradas do seu atelier apparece no meio das suas companheiras de trabalho artistico.

Os aposentos da sr.ª **marquiza de Castello Melhor**, e dos srs. **viscondes de Varzea** no historico palacio da Rosa, em Lisboa, apparecerão reproduzidos com todo o rigor n'uma das paginas cen-

traes d'esse numero, que será distinguido tambem com um excellente retrato do **dr. Evaristo**, acompanhado de um artigo firmado pelo **dr. Lambertini Pinto**, que porá n'essas palavras uma nota pessoal e impressionista, visto ser um dos clientes que mais apregoam e confirmam os creditos de que este illustre medico goza em todo o paiz desde que descobriu o soro que com tanto exito está applicando para combater a tuberculose. Este trabalho descriptivo será, por assim dizer, completado com outro que publicaremos depois, firmado pelo **dr. Moreira**, o illustre professor da Escola Medica, que gentilmente nol-o offereceu e o está preparando para um dos numeros immediatos. E n'esse mesmo numero daremos o retrato do sr. **presidente do conselho Jose Luciano de Castro**, sentado no seu escriptorio, á sua mesa de trabalho. É uma justa homenagem ao ministro que tomou a humanitaria iniciativa de estabelecer oficialmente um fundo especial cuja applicação deve contribuir, senão para debellar, ao menos para combater o pernicioso virus que tantos milhares de victimas faz annualmente em Portugal.

Contamos tambem para este n.º 7 com outro artigo firmado pelo **dr. Anselmo de Andrade**, que com excepcional competencia trata as mais palpitantes questões de interesse social. Illustrarão as nossas paginas duas magnificas reproduções em miniatura dos popularissimos jornaes de Lisboa: **Diario de Noticias** e **Seculo**, acompanhadas dos retratos do **dr. Alfredo da Cunha** e de **Silva Graça**. E, finalmente, para não roubarmos mais surpresas aos que nos dão a honra de ver a nossa Illustração, pomos ponto aqui, ainda assim depois de annunciarmos que o primoroso pintor e aguarellista, **Conceição Silva**, é na parte artistica, do n.º 6 inclusivè em deante, collaborador effectivo do *Brasil-Portugal*.

Direcção artistica do BRASIL-PORTUGAL

Desde o passado numero, Celso Herminio deixou de ser o director artistico do *Brasil-Portugal*. Isto porque aquelle artista sendo collaborador effectivo do *Diario de Noticias*, do *Dracão* e *Negro* e correspondente do *Jornal de Brasil*, não pôde dispôr do tempo necessario para a direcção artistica da nossa Revista, á qual todavia continua a prestar a sua collaboração.

Aphorismos do amor

Cada final de amor parece-se a uma mudança; sempre se quer alguma cousa. Ao decimo quantos moveis restam inteiros?

Querer-se esquecer uma mulher que ainda adoramos quando a deixamos, é o mesmo que pretender apagar a sede sem beber.

Para certos phisologos a alma é a doença do corpo. Esta é pois a doença sagrada dos antigos. Morra-se antes por causa d'ella do que vivermos sem ella.

O cruzador «Rainha D. Amelia»

A's duas horas e um quarto da tarde do dia 10 do corrente mez de abril, foi lançado ao mar da carreira de leste do arsenal da marinha de Lisboa este novo navio da marinha de guerra portugueza, o primeiro que no typo e genero se construiu em Portugal.

Deve-se ao ex-ministro da marinha conselheiro Jacintho Candido da Silva, a construcção d'este navio que representa o maior passo que se tem dado na nossa engenharia naval.

Quando subiu aos conselhos da corôa, o conselheiro Jacintho Candido tratou immediatamente de proceder á completa remodelação do nosso arsenal de marinha que em verdade estava incapaz de satisfazer ás varias exigencias da sua missão.

Faltava-nos porém um tecnico e experimentado engenheiro naval que soubesse dirigir os trabalhos e collocar o estabelecimento na altura devida.

Para preencher tal encargo o ministro citando contracto o engenheiro francez Mr. Croneau que de tal maneira comprehendeu o que d'elle se exigia, que, montando novas officinas, mandando vir do estrangeiro importantes machinismos, e educando o pessoal, conseguiu no curto espaço de vinte meses lançar á agua o novo cruzador feito sob a sua direcção e planos, e que ficará sendo um dos melhores vasos de guerra da marinha portugueza.

Ao acto do lançamento assistiram sua magestade a Rainha D. Amelia, El-Rei, todo o ministerio, côrte, corpo diplomatico, officiaes superiores da armada e do exercito, camara municipal, e uma multidão de povo superior a sete mil pessoas.

O navio correu com extrema velocidade e

impennica pelo novo systema adoptado pelo engenheiro Coneauz que assim deu plena e completa prova do seu merecimento e de quanto d'elle ha a esperar a favor da marinha de guerra nacional.

Damos em seguida as dimensões e mais dados explicativos do novo cruzador:

Dimensões principaes

Comprimento entre as perpendiculares	75 ^m ,000
Bocca	10 ^m ,950
Callado d'agua	4 ^m ,120
Pontal	6 ^m ,600
Tonelagem	1550 ^m ,194

Machilas e caldeiras

Machilas. — Duas de triplice expansão verticaes de 5.000 cavallos.

Diámetro dos cylindros	AP	0 ^m ,620
	MP	0 ^m ,910
	BP	0 ^m ,350
Curso		0 ^m ,600
		2
Helyces		3
Passo dos helyces		3 ^m ,383
Diámetro dos helyces		3 ^m ,300

Caldeiras. — Oito caldeiras de typo Sigauy Normand com 24^m de superficie de grelha.

Protecção

Vertical. — Com coffordam de 800 ^m/₁₀₀ de espessura média nas extremidades e de 2^m,000 cerca de espessura a meio.

Horizontal. — Coberta cruzada com 25 ^m/₁₀₀ d'espessura a meio, 30 ^m/₁₀₀ d'espessura na parte inclinada a meio e 12 ^m/₁₀₀ nas extremidades de vante e de ré.

Artilheria

4 peças de 150 T R Schneider de 45 calibres.	
2 " " 100 " " 45 " "	
2 " " 47 " " " "	
2 " " 37 " " " "	
2 metralhadoras.	

Torpedos

Dois tubos para lançamento de torpedos Whitehead, acima da fluctuação.

Data do começo da construcção. — 18 d'agosto de 1897.

Data do lançamento ao mar. — 10 d'abril de 1899.

Guarnição. — 200 homens, comprehendendo officiaes e praças.

A gravura principal que n'este numero publicamos, allusiva ao novo navio, representa o cortejo official encaminhando-se para a tribuna erecta á prôa do cruzador, e da qual sua magestade a rainha D. Amelia deu o signal de lançamento. A frente d'esse cortejo vê-se El-Rei e sua augusta esposa seguidos da sua casa militar, ministerio, autoridades civis e militares, e funcionarios superiores da armada e do exercito.

O navio encontra-se no periodo em que lhe falta tirar as ultimas esquadras da ré, para ser batida a ringeira, dando-se assim motivo ao seu resvalamento em direcção ao mar.

Estados do Brasil

Rio de Janeiro

No Recreio cuidava-se na *repriê* do *Jaqueza* e nos ensaios da comedia de Coelho Netto — *O Inferno em casa*.

* Noticias de S. Paulo davam como certo que as festividades da Semana Santa teriam notavel esplendor, por causa da presença do sr. bispo.

* Os presos da Casa de Detenção haviam tentado fugir. Dezesseis d'elles, detidos no numero 46, arrombaram o tecto e alcançaram o telhado. Tres ainda lograram escapular-se, mas, quando o quarto os quiz imitar, a sentinella

disparou a arma, ferindo gravemente o fugitivo. Tanto bastou para que os restantes ficassem impossibilitados de realizarem o seu desgnio. O ferido é o padre italiano Angelo De Bellis, cujo estado apresenta certa gravidade.

* Morrera, em viagem para a Europa, o Dr. Francisco Rosas, ministro no Rio de Janeiro, onde gosava de muita estima e consideração.

* Contava-se que chegasse em meados de Abril a companhia italiana de Raphael Tomba, que iria para o Theatro Lyrico.

* Coelho Netto estava escrevendo uma opera intitulada *O Fim do Mundo*.

* O Circulo Italiano deu um esplendido baile para commemorar o anniversario do rei Humberto. Nos salões, borbulhantes de lumes, reuniu-se a fina flor da colonia italiana. Dançou-se com *entrain*, e ás 2 horas da madrugada foi servida uma magnifica ceia.

* O ar. Dr. Zeferino Candido realizou uma interessante conferencia no salão do Retiro Litterario Portuguez. O assumpto foi — Nicolau Villegaignon, cuja memoria tratou de re-habilitar.

* As noticias recebidas no Rio são unanimes em dizer que a viagem do illustre presidente da Republica tem sido verdadeiramente triumphal. O Estado de Minas fez-lhe uma recepção carinhosissima.

* A actriz Pepa, que, n'outros tempos, fez a delicia dos lisboenses nos theatros do Principe Real, da Rua dos Condes e da Trindade, continua a ser o encanto das plateias do Rio, onde actualmente representa, com grande successo, o *Garrocho*, revista do conceituado escriptor ar. Arthur Azevedo.

* No Club do Campinho ha brevemente representar-se *A Morgandinha de Val-Flor*, original do saudoso litterato Pinheiro Chagas.

Rio Grande do Sul

A companhia Garrido soffreu um embargo em Porto-Alegre, motivo porque não pôde seguir viagem para o Rio Grande.

* A manifestação feita ao general Telles, em Bagé, esteve muito concorrida.

* A soprano Amelia Racena foi contratada para cantar em Porto-Alegre as operas: *Carabinieri Rusticana*, *Mignon*, *Ruy-Blas*, *Freudor*, etc.

Pernambuco

Trata-se activamente da fundação do Club Popular, tendo já sido eleita a commissão directora provisoria.

* A policia tem estado de prevenção por ordem do sr. governador.

Pará

Era esperada, com ansiedade, a companhia dramatica italiana do famigerado actor Emanuel, da qual faz parte a linda actriz Nella Montagna. Emanuel, Novelli e Zaccone são hoje os tres grandes astros que renderam Rossi e Salvini no systema planetario da arte dramatica italiana.

* Parte brevemente para o Rio de Janeiro o sr. Dr. Montenegro.

* O Gremio Paraense do Rio recebeu um telegramma, em que se pede para que transmitam ao dignissimo presidente da Republica, e á imprensa fluminense, a satisfação do povo do Pará pela attitude honrosa e patriciaca assumida pelo sr. Serzedello Corrêa, a favor dos direitos brasileiros na questão com a Bolivia.

S. Paulo

Começaram as obras de construcção da nova estação de S. Vicente, em Santos.

* Na capital do Estado effectou-se o casamento do sr. João Vicente Gomes Marcondes com a ex^{ma} sr.^a D. Maria Candida Bellegarde, filha do fallecido coronel Bellegarde.

* O sr. Dr. Pedro Arbuês da Silva, dignissimo vereador da camara municipal de S. Paulo, foi victima de um desastre na occasião de subir para um bond na rua da Liberdade. Uma pequena carroça, conduzida por um italiano, foi de encontro a elle, resultando ficar com escoriações no rosto e braço, e perder um brilhante de um anel. O italiano foi preso.

* No theatro Polytheama subiu á scena o engrandissimo *Caudéville Lambes-teras*, em que

os actores Mattos e Peixoto conquistaram muitos applausos.

* Continuavam os concertos historicos no salão Steinway, onde ultimamente realizou uma sessão de piano a menina Antonietta Rudge.

* Na capital deu-se um crime sensacional. Domingos Narratone, italiano, assassinou um seu patriota, a tiro de revolver, e voltando depois a patria contra si, suicidou-se. A causa determinante d'estes actos de desespero foi a divida que o segundo contrahira com o primeiro. Narratone acompanhara Garibaldi na campanha do Tyrol e fôra fervoroso defensor das idéas republicanas. Jornalista, fundando, com outro, a *Italia del popolo*, orgão mazziniano.

O enterro de Narratone provocou uma imponente manifestação da colonia italiana, que se apresentou em numero de 3.000 pessoas, com os estandartes das suas associações.

Campinas

Alguns rapazes, empregados no commercio portuguez, vão crear uma *troupe* dramatica, que terá o nome do glorioso actor Talorda.

* Esperava-se, a todo o momento, a chegada da *maquette* em gesso do monumento a Carlos Gomes, que seria executada pelo estatuário nacional Benevenuto Berna.

* Começaram as conferencias no *Gremio Commercial*, sendo a primeira feita pelo sr. Dr. Joaquim Gomes Pinto, e as seguintes pelos sr. Drs. Braulto Machado, Alfredo Pujol, Alberto Sarmento, José Lobo, Francisco Malta, etc.

* Brevemente sahirá á luz a *Revista Contemporanea*, propriedade do sr. João Ribas de Avila, o qual conta com a aquiescencia de professores, escriptores e jornalistas que collaborarão na sua Revista.

Bahia

A commissão central do centenário da descoberta do Brasil resolveu abandonar a idéa de exposição commemorativa, e approvou que se promovesse os meios para erigir uma estatua a Pedro Alvares Cabral.

* Está trabalhando no theatro Polytheama da Bahia, a companhia italiana Tomba, a mesma que já trabalhou no theatro D. Amelia, de Lisboa, onde esteve immensos applausos.

* Morenito, Salerio e Estros touream, actualmente, na praça bahiana. O publico entusiastico, tem-os applaudido entusiasticamente, e os chapões voam das trincheiras á arena como... em Sevilla.

A arte de Montes cria prozelitos no Brazil. *Enhorabuena*.

A companhia infantil continua a deliciar o publico no theatro S. João. Representou muito bem, a comedia de costume — *Como se faz um deputado*.

Erratas

No nosso numero anterior no artigo *Cumho de ferro do Lobito Benquella á fronteira de Angola* deram-se as seguintes erratas que devemos rectificar:

Na linha 35 da 1.^a columna onde se lê *Sou conjurar* deve lêr-se *Para conjurar*.

Na linha 44 da mesma columna a palavra *temperaturas* deve ser substituida pela de *tempestades*.

Na linha 11 da 2.^a columna onde se lê *latitude* deve lêr-se *altitude*.

Na linha 20 da mesma columna a palavra *sensata* deve ceder logar ao termo *remoto*.

✕

Um camponio lendo n'uma tableta

*Reforma de letras,

subiu:

— E' aqui que se reformam letras?

— Sim, senhor.

— Então faça favor de me reformar esta: onde diz 280000 réis ponha 208000 réis.

EXPEDIENTE

As nossas estimáveis assignaturas, que, na recepção do nosso jornal, hajam soffrido qualquer irregularidade, pedimos a fineza de o partici-parem á nossa administração para tomarmos as devidas providencias.

Tenho culto na China por ser mesquinho — 1, 1.

D. MARGARIDA DE SOUZA.

Charada novissima

(Diffusa)

A boa mulher era uma segunda mãe dos meus pequerruchos, mas gostava muito de romarias porque encontrava n'ellas um respeitavel saudeiro. — 3, 2.

Charada em losango

A primeira
Na segunda cruz
Bom ou mau se dirá
E qual mais será
A primeira

Logographos

(Por Letras)

E' necessario no verde
Usar boas ventilatorias;
Isto por causa do mal
Que pode vir dos calozos;
E nem dormir sem casa
Com ramilhetes de flores.

Ja dizia minha avó
(quo era uma pobre mulher)
— Meu neto, quem bom se avia
e que sonhava mal me que?

2, 0, 5, 8, 10, 14, 13	Substituto 1.	13, 9, 3, 10, 9, 2.
5, 10, 17, 10, 13.	"	2, 10, 14, 12, 11, 13.
6, 2, 10, 11, 13.	"	11, 13, 14, 6, 9.
11, 5, 11, 7.	"	10, 5, 14, 2.
8, 3, 10.	"	14, 9, 10.
1, 7.	"	7, 13.
9.	"	16.

O conceito, meus senhores,
é substancialmente
mas tão importante que
nem a todos lhe tem.

F. A. de Matros.

Horas de ocio

Charadas novissimas

(A premio) (*)

- Oculo do rei ouvi uma modinha que agrada á esta senhora — 1, 2.
- Aquei que podem matar, mas defendem — 2, 2.
- Será eu jarda na Italia faz feticos — 2, 1.
- A ilha que não é boa vê-se n'esta cidade — 2, 1.
- Sta cidade da America é cidade celebre — 1, 1.
- Em em Cartago que é cidade e cidade memoravel — 1, 2.
- Isto temo no amor, senão para e bom caçador — 1, 2.
- A sãga e fogo, mas é um vulto notavel — 1, 2.
- Emporada do rico e do opulento que produz um theosoro — 2, 1.
- animal do domador nada diz — 1, 1.
- O animal considerado e este rei — 3, 2.

Salto equestre

Com-	le	No	do	e	guem	o
tu	ca-	sa	Ma-	a-	mo	tu
en-	ta-	zai	lhar	nha-	mo	ni-
e,	quar-	mi-		e	só	co-
do	tra	o-	nãe	de	en-	co-
to	E	li,	pa-	ta	ce	guem.
al	e	só	do-	ni-	ro	e

Comeca na casa 1.

(*) Premio: O livro de Monzinho d'Albuquerque, que pertencera áquella dos nossos assignaturas do Brasil. E quem primeiro recebermos a decifração de todas as charadas novissimas.

**Vereinigte Chininfabriken ZIMMER & C.^o,
Francfort S. M.**

Quinina.— Acção therapeutic equal á do quinino nas febres, influenza, malária, febre typhoid, coqueluche, neuralgia, etc., e como tónico e Quinina não tem o gosto amargo nem fadiga o estomago e apresenta uma acção muito menos accentuada no systema nervoso que a quinina.

- Indicações:**
 von Noorden: Centralblatt für innere Medicin 1896, No. 48, Overlach: Deutsche Medicinzeitung 1897, No. 15, Gollner: Allgemeine Medicinische Central-Zeitung 1897, No. 8, Panegrossi: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 118, Conti: Gazzetta degli Ospedali e delle Cliniche 1897, No. 136, Klein: Medycyna 1897, No. 48, Friedrich: Orvosi Hetilap 1898, No. 1, St. Geo, Gray, M. B. & C.: British Medical Journal 1898, No. 1426, Dr. F. Mohr: Archiv für Schiffs und Tropen-Hygiene 1897, P. 408, Dr. F. Suchomlin: Wochentliche Journal für praktische Medicin, 1898, No. 16, Dr. A. Fausser: Orvosi Hetilap 1898, No. 18, Dr. K. M. Sonnenfeld: Borkisches Hospital-Zeitung 1898, 5, März, Dr. Alexeff, Dr. Kysael, Professor Dr. Filatos: Diastakaja Medicina 1898, No. 3 e Journal de Clinique et de Therapeutiques infantiles 1898, No. 21, Dr. F. von Konek: Gyógyészeti Közlöny 1898, No. 18 e Chemiker Zeitung 1898, No. 36, Dr. A. Mori: Settimana medica dello Sperimentale 1898, No. 36, Dr. G. Rondinini: Il Pratico 1898, No. 18, Dr. K. Göniew: Wratsh 1898, No. 36, Dr. S. Sapizki: Il Raccoglitore Medico di Forlì 1898, August, Dr. Xaver Lewkowicz: Wiener Klinische Wochenschrift 1898, No. 41, Dr. Franz Niedermayr: Wiener Medicinische Blätter 1898, No. 46.

Ensatrol.— Furgativo preciso contra os calculos biliares e outras doenças do fígado. Pode ser tomado durante mezes consecutivos sob a forma de *Pilulas d'Ensatrol*, sem provocar effeitos secundarios.

- Indicações:**
 Hilm: Der ärztliche Praktiker 1897, No. 3.
Ensalol.— Apresenta effeitos curativos notaveis na hysteria, na neurasthenia, nas affecções do estomago; n'este ultimo genero de doenças é applicado sobretudo á anorexia e ás náuseas (inclusive o corpo a bordo).
Amostras, indicações, todos os outros detalhes ficam á disposição do publico.

Indicações:
 Dr. Schwersensky: Therapeutische Monatshefte, Nov. 1897, G. Soagnino: Giornale Internazionale di Medicina Pratica 1898, No. 4-5.

Perolas de quinino Zimmer.— Contendo sulfato de quinino ou outros sales de quinino em estado puro, sem nenhum intermedio. Estas perolas dissolvem-se immediatamente no estomago e garantem assim effeito prompto e seguro.

Indicações:
 von Noorden: Die Praxis 1896, No. 2.
 Soogninaggio: Archivio Internazionale di Medicina e Chirurgia Fac. XII, December, 1896.

OUTRAS ESPECIALIDADES
 Quinina, Cacao, Caffina, Extractos, Preparações de Iode, Chocolate de Quinino Zimmer
 Agente em Portugal

GERMANO A. FERREIRA — Rua dos Fanqueiros, 174, 1.º — LISBOA

Correspondencia em miniatura

SERVE? / Lisboa. — Tanto serve que já tem logar n'este numero.

Decifração da charada, logographo e enigma do n.º 2 do BRASIL-PORTUGAL

- Da charada quadro duplo. N.º 16
 Dusa — Orem — Mero — Amor.
 Do logographo: N.º 17
 Avulso.
 Do enigma. N.º 18
 Desnates.
 Envia-mos de Africa a seguinte resposta á pergunta

Os pretos coram?

Se o sr. redactor do *Brasil-Portugal* quizer saber se a cara de um negro se avermelha quando se excita por qualquer motivo, affanço-lhe que não. Darwin diz terem-lhe affirmado pessoas dignas de todo o credito que, nas occasões em que o sangue afflue naturalmente á cara de um homem, a cor do rosto de um negro se torna mais leitosa.
 E' possível mas nunca reparar em semelhante coisa. O que posso affirmar é o seguinte:
 As cicatrizes conservam-se muito tempo brancas na cara dos pretos. Uma negra conheci em S. Thomé que tinha uma cicatriz na cara; quando sorria, ou quando ria-lhavam com ella, a cicatriz avermelhava-se logo. Como ao mesmo tempo lhe posso affirmar que os maltaes sóram com immensa facilidade, parece-me que posso dizer tambem que o sangue afflue ao rosto dos negros, embora não lhe modifique de um modo sensivel a cor.

UM HABITANTE DO SERVIÇO.

LUIZ PINTO MOUTINHO

Rua da Praia, n.º 67 e 69 — Esquina da rua dos Retrosos, n.º 52, 54 e 56
OURIVESARIA E JOALHERIA
 Casa fundada em 1790—LISBOA

ESTEVES & C.^a

57, R. Garrett, 59 (ao Chado)—LISBOA

Depositarios das melhores bicycletas inglezas e americanas **RALEIGH & STERLING**, (Chad) no Campo Grande (extremidade norte).

Officina, Rua da Barroca, 50
 Enlaza-se a andar em bicycle gratuitamente, sendo comprada na casa. Aluguem-se bicycletas. Vendas a prestações.
 Telegrammas—*Bicyclette-Lisboa*



CESAR A. PAIVA

Chirurgião dentista de Suas Magestades e Altesas
 Consultorio
 Rua do Arsenal, 100, 1.º

Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.^a

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 48 e 44; Rua de S. Julião, 150, 152, 154 e 156 — LISBOA

Promptissimamente com a maior fidelidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a sua qualidade, perfeição e modicidade de preços.



Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construido de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excelente parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras, cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distracção como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia pôde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ

Maria N. M. Salgado

EM LISBOA

Caza dos Oito Globos

RUA AUGUSTA. 286

HOTEL DURAND

English Hotel—LISBOA

71. Rua das Flores—Largo do Quintal

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, offerece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

PERFUMARIA BALSEMÃO

Perfumes finos recebidos directamente dos principais fabricantes. Finissima *Violetine de Violette*, fabrico especial para esta casa, a qual continua a vender a peso desde pequenas quantidades. Bonitas caixas com pó de arroz e varios objectos de toilette. Sempre novidade em perfumes.

Celestino Balsemão

R. dos Retrozeiros, 141—LISBOA

ELYSIO SANTOS & C.^a

Grandes armazens de estofador

Mobillas, Estofos, Acatifas, Calros, Pitas e Capacharia

Mobillas estofadas em todos os generos. Jogo de sofá e dois fauteuils desde 20000 réis. Estofos a metro; amortimento colossal em boquetes soes, jata, crotões, etc. Gileões e corticinas para tapetar. Deposito das fabricas de tapetes e passadeiras de pita (o tecido mais resistente que se conhece). Façure variedade em pannels de mesa, cortinados, fransas, abragadores, cobreres e em geral todos os artigos proprios d'armador e estofador. Especialidade d'esta casa: MOVEIS DE PLANTARIA PARA DECORAÇÃO DE SALAS.

Rua Augusta. 83 a 93—LISBOA

"VIOLETTE ROYALE," Experimentem
Perfume finissimo para o lenço—FRASCO 850 RÉIS
Armazem de Novidades LISBOA
(90, 1.º, R. do Carmo)

M. Saldanha & Comp.^a

Commissões e consignações, exportadores de productos nacionaes e estrangeiros.

Rua Augusta, 100, 1.º-E.

Endereço telegraphico—1113—LISBOA

Bobina central

Em machinas de costura é o que ha de mais maravilhoso.
É propriedade exclusiva da importante e acreditada Companhia Fabril "Singer".
A machina BOBINA CENTRAL reúne as grandes qualidades essenciaes de velocidade, duração, formosura, perfeição e firmeza de ponto.

A PRESTAÇÕES E O DINHEIRO
105, Praça do Loreto, 107—LISBOA
Largo do Conde Barão, 36—Calçada da Graça, 10
111, Rua da Junqueira, 111

Empreza Nacional de Navegação

Carruza quinquenal para o Costa d'Africa Occidental

Sahelias a 8 e 21 de cada mes, tocando nos seguintes portos:

Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, N. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres.
N.º 11.—Os passageiros que sahem a 8 não fazem escala por: Santo Antonio do Zaire, Ambrizette, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e ao do dia 21, por Madeira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, 8, 1.º

Antonio Nicolau d'Almeida, Valle & C.^a

Escriptorio:

Rua da Porta do Sol, PORTO

Grandes depositos de vinhos de todas as regiões de Portugal.

Vinhos premiados em todas as exposições a que tem concorrido.

Casa fundada em 1879.

Marca registada

A PORTUGUEZA

FABRICA DE COLCHONES D'ARRAME

LEITOS DE FIBRA E LãTÃO

GRANDES DESCONTOS PARA REVENDER

FRANCISCO NIVEL

54—RUA DE SANTA JUSTA—56 LISBOA

CENTRO DA MODA

MALDONADO & C.^a

92 A 96, R. AUGUSTA, 92 A 96

Grande exposiçào de rouparia branca para senhoras, homens e criançãas

sucessor
Francisco d'Oliveira
Antigamente: Moreira Bastos & Fonseca

Sapataria Luso-Brazileira

Calçado de luxo para exportação
Fabrico exclusivamente "Manual."

93, RUA DO OURO—LISBOA